



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LETRAS - INGLÊS

IGOR MATEUS FERREIRA DA COSTA

CORRENDO DE VOLTA PARA CASA: A BUSCA PELA IDENTIDADE AUTÓCTONE
EM HOUSE MADE OF DAWN, DE N. SCOTT MOMADAY

JOÃO PESSOA
2022

IGOR MATEUS FERREIRA DA COSTA

CORRENDO DE VOLTA PARA CASA: A BUSCA PELA IDENTIDADE AUTÓCTONE
EM HOUSE MADE OF DAWN, DE N. SCOTT MOMADAY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras da Universidade
Federal da Paraíba como requisito para a obtenção
do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Peregrino
Souto Maior Mendes

JOÃO PESSOA
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838c Costa, Igor Mateus Ferreira da.

Correndo de volta para casa: a busca pela identidade autóctone em House Made of Dawn, de N. Scott Momaday / Igor Mateus Ferreira da Costa. - João Pessoa, 2022.
70 f.

Orientação: Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura nativo-americana. 2. Pós-colonialismo. 3. Decolonialidade. 4. Identidade. 5. Navarre Scott Momaday. I. Mendes, Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 821.111 (73)

IGOR MATEUS FERREIRA DA COSTA

CORRENDO DE VOLTA PARA CASA: A BUSCA PELA IDENTIDADE AUTÓCTONE
EM *HOUSE MADE OF DAWN*, DE N. SCOTT MOMADAY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para a obtenção do grau de
licenciado em Letras.

Data de aprovação: 29 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior Mendes
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Danielle de Luna e Silva
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Juliana Henriques de Luna Freire
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Oliveira
Suplente
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antonio e Maria, por tudo o que me proporcionaram na vida.

Aos meus irmãos, Ismael, Israel e Iradilson, e minha irmã Iara, por serem a certeza diária de que vários corações continuam a bater no mesmo ritmo. Estendo, também, os agradecimentos aos meus cunhados, Rony e Hortência, que facilitaram a minha graduação, seja por caronas cedo de manhã, ou um teto tarde da noite.

À minha orientadora, Elizabeth, que durante toda a graduação me encorajou a transgredir, questionar e exercer o pensamento crítico. Serei eternamente grato pela ajuda e contribuições profícuas para a realização desta pesquisa e pelo incentivo em levar à frente o papel humanizador da literatura.

Aos meus amigos que as Letras me deram, especialmente Biancka, Raissa e Winny. Obrigado por estarem presentes durante as fases turbulentas e os momentos de alegria, vocês são massa!

Às professoras Juliana Freire, Danielle Luna e Maria Aparecida de Oliveira pelo aceite em fazer parte da banca e pelas valiosas recomendações para este trabalho.

Aos professores da graduação, dentre eles insisto em nomear os que foram essenciais para a minha formação pessoal, como Genilda Azerêdo, Andrea Burity, Francieli Freudenberger, Lúcia Nobre, Walison Paulino, Marta Pragana, Carla Reichmann e Liane Schneider.

Ao PROBEX, pela bolsa de extensão.

Ao Bruce Springsteen, por ter sido a trilha sonora de muitas noites de escrita. *No retreat, baby, no surrender!*

The steel of freedom does not stain.

Langston Hughes

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “Correndo de volta para casa: a busca pela identidade autóctone em *House Made of Dawn*, de N. Scott Momaday” aborda a jornada que o protagonista Abel enfrenta durante um período de dissociação de sua identidade indígena. Com foco inicial nas mudanças políticas durante o período colonial e após a Revolução dos Estados Unidos, procuramos elucidar o contínuo domínio colonial de povos autóctones daquele contexto. Discussões sobre as literaturas nativo-americanas, desde as literaturas orais até o surgimento da ficção, auxiliam na compreensão do papel da literatura indígena como um meio de resistência dos autores nativos, e como Scott Momaday tornou-se uma voz para esses escritores. Para embasar a análise literária, recorreremos às contribuições de pensadores e teóricos dos estudos pós-coloniais como Edward Said, Homi Bhabha e Stuart Hall. Além disso, utilizamos como arcabouço teórico o pensamento decolonial, a partir de Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Walter D. Mignolo e Catherine Walsh. Também abordamos o conceito de *survivance*, desenvolvido pelo autor nativo-americano Gerald Vizenor. Na análise, investigamos os processos de deslocamento enfrentados pelo protagonista do romance e como ele encontrou dentro de si a força para libertar-se do domínio hegemônico e abraçar a sua identidade cultural.

Palavras-chave: Literatura nativo-americana. Pós-colonialismo. Decolonialidade. Identidade. Navarre Scott Momaday.

ABSTRACT

This senior paper, entitled: “Running back home: the search for native identity in N. Scott Momaday’s *House Made of Dawn*” addresses the protagonist Abel’s journey during a period of dissociation of his Native American identity. Focusing, initially, on the political changes during the colonial period and after the American Revolution, we aimed to highlight the ongoing colonial domination of natives in that context. Discussions on Native American literatures, from the oral literatures to the emergence of fiction, help to comprehend the role of Native American literatures as a means of resistance for native authors, and how Scott Momaday has become a voice for those writers. To support the literary analysis, this research resorted on academics and scholars of postcolonial studies such as Edward Said, Homi Bhabha and Stuart Hall. Furthermore, the theoretical framework explored decolonial thinking, supported by Ramón Grosfoguel, Nelson Maldonado-Torres, Walter D. Mignolo and Catherine Walsh. We also approached the concept of *survivance*, developed by Gerald Vizenor. In the analysis, we investigated the processes faced by the protagonist of the novel and how he found inner strength to free himself of hegemonic dominations and embrace his cultural identity.

Keywords: Native American literature. Postcolonialism. Decoloniality. Identity. Navarre Scott Momaday.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. RASTREANDO A EXPERIÊNCIA NATIVO-AMERICANA	15
1.1 Colonização dos Estados Unidos: invasão, genocídio e resistência	15
1.2 Revolução, para quem?	19
1.3 As literaturas nativo-americanas	21
1.4 N. Scott Momaday: usando todo o potencial da linguagem	24
2. UMA TAPEÇARIA DE IDENTIDADES, UM CALEIDOSCÓPIO DE SABERES: ELUCIDANDO TEORIAS E PENSAMENTOS	26
2.1 A voz do Outro nos Estudos Pós-coloniais	26
2.1 Entendendo a Decolonialidade	29
2.3 Em busca da identidade perdida	33
2.4 Narrativas de <i>survivance</i> : a sobrevivência como ato de resistência	36
3. VOLTANDO PARA CASA: A JORNADA DE ABEL EM <i>HOUSE MADE OF DAWN</i>	40
3.1 Resumo da obra	40
3.2 “De repente, ele teve a sensação de estar sozinho”: Abel e o alheamento à cultura autóctone	41
3.3 “Ninguém iria ajudá-lo”: Abel e a vida fora da reserva	49
3.4 “Ele continuou e continuou, longe na estrada”: Abel e a corrida em busca de si próprio	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

*“Uma palavra tem poder por si só. Vem do nada, e transforma-se em som e significado. Dá origem a todas as coisas. [...] a palavra é sagrada.”*¹

The Way to Rainy Mountain (1969), N. Scott Momaday

Durante décadas, considerava-se que a literatura do espaço que hoje é conhecido como Estados Unidos teria tido início cronologicamente com o contato europeu. Esse entendimento era apoiado no fato de que os primeiros relatos escritos no continente americano foram os diários de navegação de Cristóvão Colombo. Partindo dessa crença, muitos pesquisadores e suas respectivas antologias consideravam a literatura produzida pelos colonizadores como parte fundamental do início da literatura nacional. Essa convicção, no entanto, negligenciava que o conceito literário estende-se para além da literatura escrita, e desprezava as narrativas orais das comunidades nativo-americanas que faziam parte dos Estados Unidos bem antes de seu longo processo de colonização.

Existe um consenso de que, na verdade, a literatura estadunidense consiste das linguagem e das vozes que se iniciaram naquele lugar, não tendo um início, mas existindo dentro de um *continuum* que começou a partir do momento que aquele território foi habitado pela primeira vez (PORTER, 2005). Desse modo, as narrativas orais são uma parte crucial para entendermos a literatura estadunidense. Na academia, essas literaturas orais que representam os povos indígenas que habitavam os Estados Unidos antes da colonização não gozaram de tanto prestígio sendo, às vezes, desprezadas em sua suposta falta de valor artístico. Os indígenas desse período, quando presentes na literatura colonial, eram estereotipados, e sua importância narrativa quase sempre secundária, exercendo papéis decorativos.

Se tomarmos por exemplo as *captivity narratives*², é possível observar como as visões parciais que estavam estabelecidas na sociedade sobre os indígenas eram refletidas na literatura. Retratos quase sempre por uma ótica racista que os descrevia como bárbaros, selvagens e sanguinários, seres que não representavam os ideais civilizatórios valorizados pelos cidadãos da colônia britânica. Essa perspectiva, criada durante séculos de colonização, representando os

¹ No original: “A word has power in and of itself. It comes from nothing into sound and meaning. It gives origin to all things. [...] the word is sacred.” Todas as traduções são de nossa autoria.

² As *captivity narratives* são um gênero literário composto de narrativas que recontam histórias de captura e aprisionamento de um membro de uma sociedade ou grupo por outra considerada inferior. Essas narrativas, normalmente, demonstram a dicotomia civilizado/selvagem, sendo o capturado um membro da população hegemônica branca e o captor, um indígena usualmente cruel e violento.

indígenas em uma luz unidimensional e rasa, refletia a imagem criada por Cristóvão Colombo. Em seu diário escrito no período em que realizou sua primeira navegação, Colombo narra o primeiro contato com os indígenas e os descreve fisicamente³. O mesmo ocorre nos escritos de John Smith, como a carta endereçada para a Rainha Ana relatando sua relação com os nativos durante sua permanência dentro do território do povo Powhatan⁴.

É possível, portanto, afirmar que as percepções deturpadas e estereotipadas dos indígenas fortaleceram-se a partir dos relatos dos navegadores e colonizadores que primeiro chegaram ao “Novo Mundo”, e os conflitos suavizados por parte da historiografia. Ao passo que essas ideias foram reutilizadas e ressignificadas, ressaltaram o primitivismo e barbarismo dos indígenas que não acompanhavam o processo de modernidade concebido pelo homem branco e sua perpetuação eurocêntrica da *mission civilisatrice*. Em filmes *western*, bastante populares na década de 1950⁵, percebemos como os indígenas eram retratados como selvagens e sanguinários, em busca de vingança. Todas essas representações, objetivavam traduzir a história do colonialismo e sua contínua colonialidade⁶ por uma visão heróica e vitoriosa, relegando os incontáveis genocídios por parte dos colonizadores a meras notas de rodapé. Segundo o historiador Howard Zinn (2003),

[a] distorção por parte do historiador é mais que técnica, é ideológica; é compartilhada em um mundo de interesses conflitantes, em que cada escolha enfatiza (o historiador querendo ou não) algum tipo de interesse, seja econômico ou político ou racial ou nacional ou sexual.

[...] Desenfatar o heroísmo de Colombo e seus sucessores como navegadores e descobridores, e ao enfatizar o seu genocídio, não é uma necessidade técnica, mas uma escolha ideológica. Serve — involuntariamente — para justificar o que foi feito (ZINN, 2003, p. 8-9)⁷.

³ Abrangendo acontecimentos entre agosto de 1492 e março de 1493 durante a primeira viagem de Cristóvão Colombo, esses diários explicitam suas intenções nas expedições pela América e demonstram como a historiografia suavizou esses encontros e a relação dos navegadores espanhóis com os nativos.

⁴ No livro *The Generall Historie of Virginia, New-England and the Summer Isles* (1629), em um excerto datado de 1616, John Smith inclui uma carta escrita por ele, na qual detalha suas experiências como líder e residente da primeira colônia oficial dos ingleses em território americano.

⁵ O filme mais representativo desse período, e possivelmente de todo o gênero *western*, é *The Searchers* (1956), dirigido por John Ford. Situado logo após o período da Guerra Civil Americana (1861-1865), o filme retrata os indígenas como selvagens e bárbaros, e representa uma abordagem comum do cinema estadunidense, que é figurada pela importância do patriotismo para o povo estadunidense, que fez contribuir com o estereótipo do nativo-americano como inimigo. Anos depois, na década de 1990, outro filme *western*, *Dances with Wolves* (1991), dirigido por Kevin Costner, foi um dos primeiros filmes *mainstream* que não retratou os indígenas por uma luz negativa e deturpada. Contudo, protagonizou a narrativa de um personagem branco que salvava os indígenas de ameaças imperialistas, simbolizando uma narrativa de *white savior* (salvador branco), que apaga e silencia o protagonismo indígena no cinema.

⁶ Conceito desenvolvido por Aníbal Quijano, entende-se por colonialidade os ideais que prevaleceram durante o período colonial, mas que sobreviveram após seu término. Esse termo será elucidado no capítulo 2.

⁷ No original: “The historian’s distortion is more than technical, it is ideological; it is released into a world of contending interests, where any chosen emphasis supports (whether the historian means to or not) some kind of interest, whether economic or political or racial or national or sexual. [...] To emphasize the heroism of Columbus

Essas escolhas enviesadas são responsáveis por perpetuar estereótipos acerca dos nativo-americanos, atravessando os primeiros séculos de colonialismo e das missões ancoradas na ideia de limpeza étnica, e posteriormente, justificando as políticas anti-indigenistas implementadas nos Estados Unidos desde sua independência do Império Britânico no século XVIII. Como foi o exemplo do Caminho das Lágrimas⁸, o movimento de migração forçada que removeu os indígenas de seus lares e os remanejaram para um território novo e desconhecido, ou os internatos para crianças indígenas, que tinham o objetivo de inseri-las em um sistema educacional que visava o abandono de sua linguagem e cultura autóctones e a adoção de valores cristãos e europeizantes.

No século XX, influenciados pelos movimentos de equidade social, foi fundado o *American Indian Movement*, em Minneapolis, no estado de Minnesota, liderado por Dennis Banks, os irmãos Clyde e Vernon Bellecourt e Russell Means. O movimento surgiu com o objetivo de reivindicar a presença dos indígenas na sociedade estadunidense, e exigia uma alteração nas políticas de relocação e extermínio; outras pautas importantes são o seu envolvimento na luta por demarcação territorial, contra a violência policial e em defesa da autodeterminação de seus povos. Nesse mesmo período, os autores nativo-americanos passaram a ter visibilidade na maneira política com que utilizavam sua escrita. Através da literatura, os escritores indígenas ofereciam aos leitores sua própria visão de como sua cultura autóctone foi atacada, denunciando políticas de extermínio e assimilação em voga na sociedade estadunidense.

A produção literária nativo-americana dá visibilidade à cultura e experiência indígenas, problematizando uma série de questões necessárias, ao passo que possibilita uma compreensão, por parte do leitor, das temáticas que seus autores abordam, que envolve, dentre elas, identidade, hibridismo e assimilação cultural, muitas vezes desconhecidas do público leitor hegemônico e branco. Nesse contexto, a literatura existe como uma força motora para sua resistência, aflora da necessidade dos escritores nativo-americanos de serem protagonistas de suas próprias histórias e narradores de suas próprias experiências. Segundo Coulombe (2011),

Explorar as conexões transculturais e desconexões estabelecidas por autores nativos dentro da ficção contemporânea pode levar a direções diversas. Às vezes, é tão direto quanto observar as rejeições dos estereótipos, como os selvagens sanguinários, o

and his successors as navigators and discovered, and to deemphasize their genocide, is not a technical necessity but an ideological choice. It serves – unwittingly – to justify what was done.”

⁸ O contexto acerca do que ocasionou o Caminho das Lágrimas, e seu impacto nas comunidades indígenas serão abordados no capítulo 1.

nobre homem vermelho, o guerreiro estoico, a princesa de olhos de corça, o místico da natureza, o bêbado depravado, ou o americano fugitivo, entre outros. Quando escritores desconstróem caricaturas e mitologias conhecidas, eles permitem aos leitores acesso imediato aos seus textos. O ponto de conexão — mesmo radicalmente redefinido — traz os leitores para a narrativa enquanto relaciona o texto para além do mundo literário. De fato, leitores reinterpretam seus mundos à medida que interpretam o mundo literário (COULOMBE, 2011, p. 13-14)⁹.

Como *corpus* de nossa pesquisa, analisaremos o romance *House Made of Dawn* (1968), escrito pelo autor N. Scott Momaday. Categorizado como um *bildungsroman*¹⁰, o romance é ambientado após a Segunda Guerra Mundial, e retrata a jornada do protagonista Abel, um veterano de guerra, afetado pelo afastamento de sua cultura originária. O distanciamento de Abel do seu povo, à medida que sua experiência como nativo-americano é afetada, significa para ele um processo de desidentificação que culmina em sua fragmentação psíquica. Durante a narrativa, o personagem principal passa por uma longa jornada até compreender o seu lugar dentro de sua comunidade, reencontrar suas raízes, e perceber a importância de sua conexão com a terra e com todos aqueles que lhe antecederam.

Estabelecendo nosso interesse em compreender como o romance de Momaday é representativo para o protagonismo de autores indígenas dentro do contexto literário estadunidense, é significativo investigar a influência de Momaday e a sua valiosa contribuição literária ao retratar a experiência nativo-americana no século XX. Objetivamos analisar, também, como o protagonista da obra literária supracitada mediante um longo processo de busca identitária, reflete como os efeitos do processo de colonização e genocídio são permanentes na comunidade indígena, e como as perdas, tanto étnicas como identitárias, relacionam-se historicamente com as políticas criadas pelos britânicos no período colonial e mantidas no período pós-independência pelo governo estadunidense.

A importância de dedicar o presente trabalho ao estudo de uma obra da literatura nativo-americana, emerge de uma necessidade observada em contribuir com uma pesquisa que tenha em vista a inclusão de autores indígenas para possibilitar sua visibilidade na academia. Cook-Lynn (1997) argumenta que a necessidade de expandir a pesquisa na área de *Native American*

⁹ No original: “Exploring the cross-cultural connections and disconnections established by Native authors within contemporary fiction can lead in different directions. Sometimes it is as straight-forward as noting the rejection of stale stereotypes, such as the bloodthirsty savage, the noble red man, the stoic warrior, the doe-eyed princess, the nature-based mystic, the drunken degenerate, or the vanishing American, among others. When writers deconstruct familiar caricatures and mythologies, they allow readers immediate access to their texts. The point of connection – even if radically redefined – brings readers into the narrative while also relating the text to the extra-literary world. In effect, readers re-interpret their worlds as they interpret a literary work.”

¹⁰ Segundo Moisés (2004), um romance classificado como *bildungsroman* foca, especificamente, nas experiências formativas dos personagens em seu período de amadurecimento.

Studies é pertinente uma vez que é um ramo que tem o objetivo de romper e confrontar as falácias construídas durante séculos sobre a história dos Estados Unidos.

Autores indígenas raramente são estudados e trabalhados em sala de aula. Na realidade, poucos estudantes de Letras têm a oportunidade de ter contato com a literatura produzida por tais autores durante a graduação, apesar de sua relevância. Consideramos que abordar a produção literária de autores nativo-americanos pode contribuir para uma compreensão mais abrangente de aspectos da cultura estadunidense pouco contemplados nos livros de história e nas antologias literárias. Esta pesquisa visa, portanto, contribuir para a ampliação das literaturas nativo-americanas enquanto campo de estudo no Brasil e promover a obra de um dos autores indígenas estadunidenses mais renomados. Embora observamos um movimento crescente de inclusão desses estudos na academia, ainda os consideramos incipientes na nossa região e no nosso país. A importância desse trabalho também é justificada pela atualidade do tema, tendo em vista a visibilidade mundial das questões relacionadas ao ativismo indígena no território brasileiro, cujo povo luta pela demarcação territorial de suas terras e por igualdade de direitos. Questões igualmente atuais e urgentes são a exclusão social e os genocídios sofridos pelas comunidades indígenas em território brasileiro, como também a perseguição política e ideológica que resultaram no assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, em junho do corrente ano.

A presente pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e está estruturada em três capítulos. O primeiro, investigará o contexto histórico, como vistas a explicitar o longo processo de colonialismo nos Estados Unidos, as leis anti-indigenistas de remoção e deslocamento no período após a Independência, as circunstâncias em que as literaturas nativo-americanas se desenvolveram até a emergência da ficção. Aqui nos interessa compreender o papel de Momaday enquanto escritor e ativista, percebendo como sua obra reflete as preocupações de preservação da sua herança cultural. No segundo capítulo, temos as discussões do arcabouço teórico da pesquisa quando nos apoiaremos nos estudos de Said (2007; 2011), Vizenor (2008), Bhabha (2010) e Hall (2013); bem como nos conceitos de Grosfoguel (2007a; 2007b), Mignolo e Walsh (2018) e Maldonado-Torres (2019). No último capítulo, teceremos a análise literária sobre o romance, observando a trajetória do protagonista Abel e o modo com que reconstrói a sua identidade cultural no decorrer da narrativa.

A seção seguinte do presente estudo abordará o contexto histórico da formação dos Estados Unidos, como também o impacto das leis implementadas pela política de apagamento das culturas indígenas. Situiremos o surgimento e desenvolvimento das literaturas indígenas estadunidenses, e discutiremos acerca da vida e obra do autor, a fim de compreender as

relações entre sua *oeuvre* e o movimento de representação e autoafirmação dos autóctones nativo-americanos nos Estados Unidos por meio da literatura.

1. RASTREANDO A EXPERIÊNCIA NATIVO-AMERICANA

“A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.”

Ideias para adiar o fim do mundo (2019), Ailton Krenak

1.1 Colonização dos Estados Unidos: invasão, genocídio e resistência

Em 1492, saindo das Ilhas Canárias, Cristóvão Colombo embarcou em uma viagem pelo Oceano Atlântico, e durante trinta e três dias navegou rumo às Índias em busca de ouro. A tripulação se perdeu e, conseqüentemente, não chegou na Ásia, mas em um novo território, que até então era desconhecido pelos europeus. O primeiro território visto nessa viagem foram as Bahamas, nas ilhas do Caribe, local que viria a ser o continente americano. Aquela terra, historicamente considerada “virgem” por uma ótica eurocêntrica, apresentava grandes oportunidades a serem desbravadas, mesmo que já estivesse habitada pelos povos originários.

Os primeiros povos indígenas com que Cristóvão Colombo entrou em contato no continente americano foram os Arawak. De acordo com Zinn (2003), a princípio os Arawaks não agiram com hostilidade, mas foram receptivos com os invasores, e até mesmo ofereceram alimentos e suprimentos. Essa hospitalidade foi o primeiro choque cultural entre os europeus e os indígenas, pois divergia consideravelmente da cultura vigente na Europa Renascentista da época. Em um excerto, Zinn (2003) destaca uma entrada do diário de navegação de Colombo em que ele descreveu esses primeiros encontros e apresentou suas primeiras impressões dos nativos:

Eles [...] nos trouxeram papagaios e bolas de algodão e lanças e muitas outras coisas, as quais trocaram por esferas de vidro e sinos. Eles prontamente negociaram tudo o que possuíam. [...] Eles eram robustos, com belos corpos e características formosas. [...] Eles não carregam armas, e não as conhecem, pois lhes apresentei uma espada, eles pegaram pela ponta e, devido a sua ignorância, cortaram-se. Eles não têm ferro. Suas lanças são feitas de vara. [...] Eles seriam ótimos servos. [...] Com cinquenta homens poderíamos subjugar-los e obrigá-los a fazer o que quiséssemos (COLOMBO apud ZINN, 2003, p. 1)¹¹.

¹¹ No original: “They [...] brought us parrots and balls of cotton and spears and many other things, which they exchanged for the glass beads and hawks’ bells. They willingly traded everything they owned [...] They were well built, with good bodies and handsome features [...] They do not bear arms, and do not know them, for I showed

Colombo, em seu primeiro encontro com os indígenas, os observa e os descreve como inferiores, destacando a sua ignorância como um sinal de possível subserviência. A tendência, observada por Colombo de que eles podiam ser dominados, demonstra como a cultura dos indígenas foi imediatamente classificada como subdesenvolvida. Após tais relatos, Zinn (2003) ainda acrescenta que nesse primeiro contato com os Arawak, Colombo continuou em seu objetivo principal, e levou indígenas como prisioneiros para guiá-lo até o ouro; caso recusassem ou tentassem resistir, seriam mortos.

A colonização, no entanto, não ocorreu de forma imediata. Entre 1492 e 1502 Colombo realizou quatro viagens da Espanha para o que denominou ilha de Hispaniola. Segundo Dunbar-Ortiz (2014), à medida que as viagens tornavam-se mais grandiosas, um maior número de barcos, tripulação e suprimentos ia chegando na América e, consequentemente, a cultura de colonização ia aumentando. Os homens que ficaram em sua primeira colônia eventualmente foram mortos pelos habitantes indígenas, ou por doenças e fome, o que motivou Colombo em sua segunda viagem de volta para a Espanha, levar um número maior de escravos e alojar mais colonos, tentando novamente implementar outra colônia. Na sua terceira e quarta viagens, Colombo, com mais barcos, e uma maior tripulação, passou a desbravar e invadir outros territórios da América Central e da América do Sul.

Entre a invasão de Cristóvão Colombo e a subsequente chegada dos ingleses no território norte-americano, o processo de colonização foi sendo aprimorado, pois “[o]s ingleses não apenas adaptaram os costumes e experiências da colonização espanhola; eles tinham sua própria experiência, que era constituído de imperialismo ultramarino” (DUNBAR-ORTIZ, 2014, p. 38)¹². Os ingleses já tinham experiência no processo de colonização e povoamento, então, colonizar o território dos Estados Unidos não seria uma atividade nova, visto que já haviam invadido a Irlanda, o País de Gales e a Escócia. Contudo, os conceitos perpetuados pelos ingleses que envolviam, principalmente, a necessidade de uma colônia que exercia poder sobre seus habitantes, mesmo sendo um fruto do processo de colonização realizado pelos espanhóis anteriormente, tinham suas raízes nas crenças cristãs do Protestantismo, que foram cruciais para fundamentar a ideia da supremacia branca (DUNBAR-ORTIZ, 2014).

them a sword, they took it by the edge and cut themselves out of ignorance. They have no iron. Their spears are made of cane [...] They would make fine servants [...] With fifty men we could subjugate them all and make them do whatever we want.”

¹² No original: “The English did not just adapt the habits and experiences of Spanish colonization; they had their own prior experience, which actually constituted overseas imperialism.”

Depois de muitas tentativas, a primeira colônia britânica nos Estados Unidos foi oficialmente estabelecida no início do século XVII. Segundo Zinn (2003), Jamestown foi construída dentro do território dos Powhatan, e seu chefe, mesmo observando de perto a tomada de terra e a instalação dos ingleses, manteve a calma, não manifestou nenhuma fúria, e não os atacou. Porém, essa paz não durou muito tempo visto que

[o]s primeiros colonos de Jamestown não tinham suprimentos e provaram estar impossibilitados ou relutantes em plantar ou caçar para seu próprio sustento. Eles decidiram que iriam obrigar os fazendeiros da Confederação de Powhatan — em torno de trinta estados — a provê-los com alimentação. O líder militar de Jamestown, John Smith, ameaçou assassinar todas as mulheres e crianças se os líderes Powhatans não alimentassem e vestissem os colonos, como também provessem terra e trabalho (DUNBAR-ORTIZ, 2014, p. 60)¹³.

John Smith, ao cumprir o que prometeu, protagonizou um genocídio sangrento tido como vingança por parte dos ingleses; eles sequestraram crianças, mataram indígenas e queimaram suas casas. Com o passar dos anos, os indígenas perceberam o crescimento significativo de colônias inglesas em seus territórios e decidiram exterminá-los. A partir daí, a relação entre os nativo-americanos e os colonizadores seria de conflito e guerra (ZINN, 2003; DUNBAR-ORTIZ, 2014).

Ao chegarem no território da Nova Inglaterra, os peregrinos também fixaram morada em território pertencente aos indígenas. De acordo com Zinn (2003), John Winthrop, o governador de Massachusetts Bay Colony, declarou que os indígenas não tinham direito legal às terras, apenas os colonos. O mesmo ocorreu com os puritanos que usavam a Bíblia para corroborar suas ideias deturpadas sobre a concessão dada por Deus para tomarem as terras para si. Essas relações assimétricas entre os colonos e os nativo-americanos ocasionaram em discórdias que resultaram em diversas guerras.

Um dos conflitos mais cruciais durante o período colonial foi a *Pequot War*, que ocorreu entre 1636 e 1638. Essa guerra, entre os indígenas Pequot e membros das colônias Massachusetts Bay, Plymouth e Saybrook, foi uma das mais sangrentas do período colonial. Ocasionalada principalmente pela necessidade dos ingleses em controlar o comércio de pele e

¹³ No original: “The first Jamestown settlers lacked a supply line and proved unable or unwilling to grow crops or hunt for their own sustenance. They decided that they would force the farmers of the Powhatan Confederacy - some thirty polities - to provide them with food. Jamestown military leader John Smith threatened to kill all the women and children if the Powhatan leaders would not feed and clothe the settlers as well as provide them with land and labor.”

*wampum*¹⁴ dos indígenas, e as intenções dos Pequot em manter controle do local onde moravam. Segundo Zinn (2003), a guerra foi iniciada pelos colonos, mas foi lutada igualmente pelos indígenas, representando um período em que a ideia de extermínio total dos indígenas era a única alternativa na crescente sociedade colonial. Difundiu-se rapidamente a crença supremacista de que a única solução que aquela colônia tinha para lidar com os resultados da colonização — orquestrada por eles mesmos — era o genocídio, advindos do racismo contra os nativo-americanos. Independentemente da situação, qualquer resistência dos indígenas seria revidada com mais violência e extermínio.

Mediante esse genocídio em massa, os nativos não tinham outra opção a não ser resistir. Como afirma Dunbar-Ortiz (2014), os indígenas passaram a atacar o território habitado pelos colonos utilizando métodos próprios; eles queimavam, matavam e capturavam os colonos. No entanto, os habitantes das Treze Colônias não permitiam que eles controlassem os ataques direcionados às suas comunidades, durante esse período a prática de *scalp hunting*¹⁵ tornou-se um método comum de contra-ataque aos nativos.

Mais de um século depois, aconteceria a Guerra Franco-Índigena (1754-1763), parte da Guerra dos Sete anos, demonstrando as fissuras das políticas coloniais nos Estados Unidos. Franceses e britânicos estavam em conflitos em relação às expansões territoriais que cada país teria direito. Nesse período, povos indígenas fizeram alianças com as lideranças dos dois governos. Segundo Dunbar-Ortiz (2014), com a vitória dos britânicos e consolidação da dominação inglesa transatlântica, deu-se o pontapé inicial para o que viria a ser a Revolução dos Estados Unidos.

Os indígenas participaram na Guerra de Independência dos Estados Unidos, mas compreendiam que independentemente do resultado, não existia uma saída satisfatória para eles, visto que cada governo tinha interesses que prejudicariam a sua existência. Contudo, Porter (2005) explica que os nativos associaram-se aos britânicos, pois era o único meio viável de algum amparo frente aos direitos que seriam totalmente aniquilados pelo novo governo a ser instaurado. Após a derrota dos britânicos, os indígenas continuaram a ser perseguidos, não mais pelo governo britânico, mas pelo governo dos Estados Unidos da América. Grande parte da sociedade dos Estados Unidos seria guiada puramente por vingança direcionada aos nativo-americanos.

¹⁴ *Wampum* são contas produzidas a partir de conchas marinhas. Uma grande parte da cultura nativo-americana, *wampum* tem um significado importante para os indígenas pois além de serem apetrechos essenciais das artes produzidas por nativos, também são utilizados em cerimônias e rituais.

¹⁵ *Scalp hunting* foi uma prática exercida e popularizada por caçadores de recompensas que perseguiam os nativo-americanos. Esses caçadores removiam o couro cabeludo, todo ou parcialmente, da cabeça do indígena.

1.2 Revolução, para quem?

Após saírem vitoriosos da Independência do Império Britânico, os Estados Unidos e sua sede insaciável pelas terras que eram propriedade dos nativos aumentou drasticamente. Embora os indígenas tivessem se aliado aos britânicos em troca de liberdade dentro de seu país, ficaram de fora de qualquer negociação quando aqueles assinaram um acordo com as Treze Colônias. Por esse motivo, os indígenas eram vistos como traidores, e o governo, em um símbolo de orgulho nacionalista, começou a tomar as terras dos nativos para si (PORTER, 2005).

Nos anos seguintes à Revolução, os indígenas não tinham mais nenhuma segurança em relação às suas terras e sua identidade enquanto um povo culturalmente atrelado a ela. Porter (2005) alinha-se à perspectiva do antropólogo Anthony F. C. Wallace, ao sustentar que durante o período pós-revolução, o presidente Thomas Jefferson estava decretando uma fase de “limpeza étnica” no país ao desenvolver políticas para tomar as terras dos indígenas,. Jefferson justificava essas ações de remoção e aniquilação, declarando que o seu objetivo era o de civilizar os indígenas, e subsequentemente, promover a sua assimilação cultural na sociedade.

Isso impulsionou outra abordagem utilizada pelo governo dos Estados Unidos para interferir na legalização das terras dos indígenas: as leis e os tratados que os removiam de seus lares. Em 1830, o presidente Andrew Jackson aprovou o *Indian Removal Bill*, que tinha como objetivo apropriar o território indígena na região do Mississippi e transferi-los ao Oeste, no território que agora é o estado de Oklahoma. Esse processo de migração forçada ficou conhecido como Caminho das Lágrimas (*Trail of Tears*).

Esse processo de diáspora foi doloroso para os indígenas, uma vez que suas terras não eram apenas seus lares, mas parte de sua ancestralidade. Mudar-se para as reservas indígenas significava arrancar os nativos de seus lares e da relação cultural que tinham com o território, e para muitos,

[...] as reservas que eles haviam sido forçados a estar eram estrangeiras, terras pobres em que era esperado deles que se transformassem culturalmente de caçadores para fazendeiros utilizando equipamento inadequado enquanto viviam sob a ameaça de interesses expansionistas de território. A destruição dos animais selvagens ocasionada por não indígenas, tornou inviável a economia de subsistência. Essas condições impossíveis levaram a dependência desmoralizada de agentes governamentais de rações e subversão adicional dos suportes principais da vida tribal (PORTER, 2005, p. 52)¹⁶.

¹⁶ No original: “the reservations they had been forced onto were alien, poor lands where they were expected to transform culturally from being hunters to farmers using inadequate equipment whilst surrounded by various threatening expansionist interests. Systematic non-Indian destruction of wildlife made subsistence economics

Durante esse processo, percebe-se que os indígenas estavam sendo tratados pelo governo estadunidense como membros de uma sociedade que ocupava um espaço territorial que, perante a lei, não era seu por direito. Eles eram vistos como cidadãos que existiam, exclusivamente, para impedir o desenvolvimento dos Estados Unidos.

Percebendo problemas em isolar os indígenas do resto da sociedade, os tratados foram proibidos e novas estratégias precisavam ser analisadas. Em 1887 foi aprovado a Lei Dawes, que segundo Janke (2012, p. 158), “a ideia central dessa lei era a assimilação cultural das culturas indígenas na cultura branca por meio de individualização”¹⁷. Isso ocorria da seguinte forma:

O método principal para individualizar o indígena era por atribuir lotes individuais para famílias indígenas. Pensava-se que a base para a civilização consistia em saber como lidar com propriedade individual. A partir dessa experiência viria a responsabilidade e conscientização das obrigações da cidadania. Por isso, se o território tribal fosse transferido em base individual, teria estímulo para progresso econômico. Os laços tribais, que acreditava-se serem propícios da falta da indústria e da falta de responsabilidade individual, seriam rompidos e os indígenas tornariam-se participantes laboriosos na nação americana. Então, o *Allotment Act* foi uma tentativa de assimilar o indígena enquanto indivíduo no mito do proprietário rural independente (JANKE, 2012, p. 158-159, grifo nosso)¹⁸.

No fim do século XIX e início do século XX, outra ferramenta utilizada pelo governo dos Estados Unidos foi a implementação das escolas de internato para crianças indígenas. Essas escolas, segundo Porter (2005), serviam para isolar essas crianças completamente de suas tradições e valores tribais, sendo proibidas de falarem seus idiomas, praticarem sua religião e qualquer hábito que se relacionava diretamente à cultura nativo-americana. Por sinal, um dos lemas que conduzia o pensamento perpetuado nesses internatos foi o do oficial militar Richard H. Pratt: “Matem o indígena e salvem o homem!”¹⁹. Mesmo muitas crianças resistindo a esses

unviable. Such impossible conditions led to demoralized dependence on government agents for rations and further subversion of the main supports of tribal life.”

¹⁷ No original: “The central idea of this act was the assimilation of Indian cultures into the white culture by means of individualization.”

¹⁸ No original: “The primary method of individualizing the Indian was the allotting of land in individual assignments to Indian families. It was thought that the basis of civilization consisted in knowing how to handle individual property. From this experience would come responsibility and awareness of the obligation of citizenship. Hence, if tribal lands were now reassigned on an individual basis, there would appear stimulus for economic improvement. The tribal ties, which were believed to be conducive to lack of industry and lack of individual responsibility, would melt away and the Indians would become industrious participants in the American nation. Thus, the Allotment Act was an attempt to assimilate the individual Indian into the American yeoman farmer myth.”

¹⁹ Essa frase foi utilizada por Pratt durante uma conferência realizada em Denver, no estado de Colorado, em 1892 e explicita as suas intenções por trás do desenvolvimento das escolas de internato para crianças nativo-americanas.

silenciamentos e ainda conseguindo manter seus costumes, era clara a missão dos Estados Unidos de apagar completamente a identidade nativo-americana.

Algumas décadas depois, após a Segunda Guerra Mundial, o governo estadunidense tentou assimilar os indígenas na sociedade urbana. Para Janke (2012) isso ocorreu devido ao crescente “espírito de nacionalismo” do país. Muitos indígenas relocaram das reservas para espaços urbanos possivelmente interessados nas oportunidades de emprego e qualidade de vida que poderiam ter. “Relocação era similar ao extermínio visto que era outra maneira de dispersar os indígenas entre a população geral e induzir assimilação. Com a assimilação, o governo federal poderia novamente se remover dos *Indians affairs*” (JANKE, 2012, p. 166-167, grifo nosso)²⁰. Mas o processo de urbanização significava um período de desprendimentos dos indígenas de sua cultura originária, e a relocação das reservas para ambientes urbanos ocasionou outros problemas para aqueles povos. Como afirma Janke (2012), apenas na década de 1960 esses programas seriam revogados, ao passo que ficou clara a natureza hostil do tratamento que os Estados Unidos dava aos nativo-americanos.

É nesse contexto que Momaday publica *House Made of Dawn*, um período de mudanças para povos indígenas na sociedade estadunidense. A publicação do romance catapultou autores autóctones para o centro de suas histórias. Para entender como a literatura nativo-americana persistiu durante todo esse período, é necessário um breve resumo dos caminhos percorridos pelas literaturas nativo-americanas e o papel de Momaday como escritor e defensor da ancestralidade indígena.

1.3 As literaturas nativo-americanas

Antes do contato com os europeus, a literatura dos Estados Unidos, assim como a de outras civilizações, iniciou-se com a tradição oral. Nessa tradição, histórias eram passadas de geração em geração por meio da oralidade. Sobre o caráter oral dessa literatura, Cuddon (2013) dá a seguinte definição:

Poesia e histórias pertencentes a essa tradição são compostas oralmente, ou criadas pelo poeta ou narrador durante a execução de acordo com fórmulas e temas. Uma ‘fórmula’ é um grupo de palavras usado regularmente para expressar uma ideia. Um ‘tema’ é uma passagem repetida, recontando um incidente ou descrição. Composição oral normalmente depende de uma estrutura estabelecida de narração por meio do qual

²⁰ No original: “Relocation was similar to termination because it was another way to disperse Indians among the general population in order to enhance assimilation. With assimilation, the federal government could again withdraw from the business of Indian affairs.”

as histórias são conhecidas em suas linhas fundamentais e transmitidas por meio de gerações de cantores ou bardos (CUDDON, 2013, p. 495-496)²¹.

Visto que os indígenas não tinham uma língua escrita antes da colonização, a tradição oral era sua prática narrativa principal e era manifestada de diferentes formas, dependendo da comunidade nativo-americana. Porter (2005) declara que as

[l]iteraturas orais indígenas [...] passaram por diferentes nascimentos e renascimentos em solo americano e continuam provendo herança fundacional para toda a literatura indígena. Categorizada e agrupada em quatro gêneros porosos: rituais dramáticos, incluindo cantos, cerimônias e rituais; canções, narrativas, e oratória, essas expressões sagradas e não sagradas da linguagem articula, dentre outras coisas, a compreensão indígena das verdades fundamentais da criação e a origem dos seres humanos e sua relação com o universo (PORTER, 2005, p. 42)²².

As tradições orais indígenas são uma importante parte de sua cultura e demonstram a pluralidade dentro da literatura nativo-americana, mais especificamente, as literaturas orais de cada grupo. Porter (2005) argumenta que a tradição oral vai além da contação de histórias; é, na verdade, uma prática que eleva essa dinâmica à uma ligação espiritual que proporciona conexão com diferentes lugares. Nesse contexto, destaca-se o poder que os conceitos de linguagem, simbologia e pensamento exercem na cultura indígena, que são perpetuados pela tradição oral.

De acordo com Ruoff (2012), durante a invasão europeia no período de colonização, e os genocídios que se seguiram, sua cultura foi atacada e, conseqüentemente, sua literatura. A escrita na literatura nativo-americana surge quando os povos indígenas, principalmente as crianças alfabetizadas em internatos em que seus idiomas indígenas eram proibidos, foram obrigados a aprender a língua do colonizador.

No século XIX, alguns ativistas e autores indígenas passaram a escrever não-ficção, em sua grande parte autobiografias, que serviram como relatos que tinham o objetivo de “[...] informar seus leitores sobre a vivência indígena e sua história” (RUOFF, 2012, p. 146)²³. Eles

²¹ No original: “Poetry and stories belonging to such a tradition are composed orally, or made up by the poet or story-teller during a performance according to preconceived formulae and themes. A ‘formula’ is a group of words used regularly to express a given idea. A ‘theme’ is a repeated passage recounting an incident or description. Oral composition usually relies on an established framework of story-telling whereby the stories are well known in their basic outlines and passed down through generations of singers or bards.”

²² No original: “Indian oral literatures [...] have undergone repeated birth and rebirth on American soil and they continue to provide a foundational heritage for Indian literature of all sorts. Categorized into four porous genre groupings: ritual dramas, including chants, ceremonies, and rituals themselves; songs, narratives, and oratory, these sacred and non-sacred storied expressions of language articulate, amongst many other things, Indian understandings of the fundamental truths of creation and the origins of human beings and their relationship to the universe.”

²³ No original: “[...] to inform their readers about Indian life and history.”

eram motivados a demonstrar como a cultura dos Estados Unidos objetivava ser homogeneizada por apagar suas línguas, crenças e cultura. Ao passo que suas características étnicas eram ceifadas e renegadas por serem consideradas inferiores, esses autores defendiam os seus direitos enquanto cidadãos. Segundo Ruoff (2012), à medida que outros contextos emergiram na vida dos indígenas, eles passaram a publicar relatos sobre sua cultura e costumes, com o objetivo de impedir o seu apagamento.

Em meados do século XIX, a ficção tornou-se um elemento presente nas literaturas nativo-americanas. O primeiro livro publicado por um indígena foi *The Life and Adventures of Joaquín Murieta, the Celebrated California Bandit* (1854), de John Rollin Ridge²⁴. A partir daí, outros autores indígenas dedicaram-se à escrita de ficção e poesia. Porém, entre o final do século XIX e a metade do século XX, mesmo que autores nativo-americanos tenham publicado, eles eram invisibilizados, suas vozes silenciadas, e as obras literárias que escreviam não tinha um alcance maior para a população estadunidense (COULOMBE, 2006; RUOFF, 2012).

Contudo, no final da década de 60 a literatura produzida por indígenas teria um momento que seria divisor de águas. *House Made of Dawn* foi vencedor do Prêmio Pulitzer de Ficção em 1969, momento que ficou conhecido como *Native American Renaissance*²⁵, período em que “[n]ão apenas o interesse do público por escritos por nativo-americanos aumentou, mas também escritores nativos sentiram-se inspirados e encorajados” (RUPPERT, 2005, p. 173)²⁶. Ao perceber que não estavam sozinhos e que podiam ser publicados, o número de publicações de autoria indígena aumentou consideravelmente, e escritores desse segmento passaram a serem observados e valorizados dentro do escopo da produção literária estadunidense (RUPPERT, 2005; BRUCHAC, 2012). Autores como Leslie Marmon Silko, James Welch, Louise Erdrich, Joy Harjo, Gerald Vizenor, entre outros, são frutos desse período de crescimento da produção literária, mas também de um momento em que a ficção nativo-americana passa a ter um papel político ao retratar em seu cerne a experiência indígena.

²⁴ Romance que narra a vida de Joaquín Murieta, nascido no México, e que torna-se corrupto ao viajar para a Califórnia durante o período de *Gold Rush*.

²⁵ Termo cunhado por Kenneth Lincoln no livro *Native American Renaissance* (1983) para descrever o surgimento de autores indígenas na produção e publicação literária após o ano de 1968. Esse termo ainda causa controvérsias na literatura nativo-americana, por pressupor que uma consistente produção literária de qualidade só iniciou-se com a publicação de *House Made of Dawn*, negligenciando a vasta contribuição literária indígena anterior a esse momento.

²⁶ No original: “Not only was there increased public interest in writings by Native Americans, but also Native writers felt inspired and encouraged.”

1.4 N. Scott Momaday: usando todo o potencial da linguagem

Navarre Scott Momaday²⁷, autor nativo-americano de etnia Kiowa²⁸, nasceu em 1934 na cidade de Lawton, Oklahoma²⁹. Filho único de Natachee Scott Momaday e Alfred Momaday, desde criança o escritor teve contato com suas raízes nativo-americanas, sendo influenciado pelos costumes de seus ancestrais e de outros povos indígenas com as quais teve contato. Alfabetizado apenas em inglês e influenciado pela mãe em sua paixão pela leitura, Momaday teve contato com a literatura desde cedo, lendo clássicos do cânone literário ainda criança, seu pai sendo responsável pela transmissão das histórias de sua comunidade. Embora Momaday não soubesse falar o idioma dos Kiowas, sempre observava seus familiares se comunicarem em seu idioma nativo. Mesmo não compreendendo a linguagem, essas ocasiões marcaram o seu período de formação.

Durante a infância, Momaday mudava-se constantemente, chegando a viver em diversas reservas do sudoeste estadunidense. Com apenas um ano, sua família mudou-se de Lawton para o Arizona, onde seus pais começaram a trabalhar como professores na reserva indígena. Aos doze anos, mudaram-se novamente, dessa vez para Jemez Pueblo, em New Mexico, lugar onde morou até ir para a universidade. Em cada cidade em que Momaday morava, o autor transitava entre as reservas, tinha contato com inúmeros povos e as suas respectivas culturas. Isso lhe permitiu compreender a vastidão cultural nativo-americana, o que seria refletido na sua produção literária.

Graduou-se na University of New Mexico e realizou mestrado e doutorado na Stanford University, trabalhando, posteriormente, como professor de Literatura Inglesa e Literatura Norte-Americana em diversas universidades dos Estados Unidos. Laureado autor, foi agraciado em 1969 com o Prêmio Pulitzer de Ficção pelo seu primeiro romance, *House Made of Dawn*, tornando-se o primeiro autor indígena a ser premiado. Em anos subsequentes recebeu inúmeros prêmios, como doutorados honorários, a Medalha Nacional das Artes em 2007, e também foi Poeta Laureado do estado de Oklahoma.

Em seu livro de memórias, *The Names* (1976), o autor descreve como a sua vida nômade impactou sua mente. As diferentes áreas em que morou ficaram presas em sua memória e o seu conceito de lar não está necessariamente conectado a um local físico, sendo um amálgama de lugares e experiências essenciais para a sua construção enquanto escritor nativo-americano.

²⁷ Seus nomes indígenas são: Tsoai-talee e Tsotohah.

²⁸ Momaday é descendente dos povos Cherokee e Kiowa.

²⁹ As informações biográficas presentes nesta seção foram providas por Allen (2005) e Scarberry-Garcia (2012).

Essas experiências permitiram a Momaday uma grande imersão nas diversas culturas indígenas das reservas em que esteve, lhe proporcionando uma variedade de percepções sobre as intersecções dessas culturas em um contexto mais abrangente da experiência nativo-americana.

Momaday reconhece que parte de sua popularidade como romancista advém de seu romance de estreia, porém ele considera-se, primeiramente, um poeta³⁰. Dono uma obra vasta, que consiste de romances, peças (incluindo um roteiro), não-ficção, obras de folclore, e até mesmo pinturas que são constantemente inseridas em seus livros, é sua obra poética a mais recorrente³¹. A razão de sua contínua produção literária enfocada na poesia revela os interesses de Momaday na sua identidade como escritor, ao mesmo tempo que é representativo da conexão existente entre a poesia e a tradição oral indígena.

Sua preocupação em resguardar suas heranças étnicas, no entanto, transita em toda a obra. Seu trabalho mais representativo nesse quesito é *The Way to Rainy Mountain* (1969), escrito por Momaday e ilustrado por seu pai; uma obra que conflui gêneros literários, como *memoir* e folclore. Trazendo diversas vozes, Momaday traça os passos de seus ancestrais ao mesmo tempo em que dialoga com as suas experiências enquanto indígena no contexto do século XX nos Estados Unidos, reconhecendo que a linha da ancestralidade é importante na sua posição de resistência, pois deve ser percebida, abraçada e passada à frente.

A obra de Momaday é representativa dentro da literatura nativo-americana por ser pioneira em protagonizar a vivência indígena. Sua contribuição literária destaca a importância de contar e narrar histórias indígenas complexas com grande valor cultural que precisavam ser compreendidas por toda a sociedade. Momaday tornou-se uma voz para uma vasta gama de autores que surgiram mais tarde.

³⁰ Uma de suas maiores influências é a poeta estadunidense Emily Dickinson (1830-1886).

³¹ Até a realização desta pesquisa, Momaday publicou oito livros de poesia: *Angle of Geese* (1974), *The Gourd Dancer* (1976), *In the Presence of the Sun: Stories and Poems, 1961-1991* (1992), *In the Bear's House* (1999), *Again the Far Morning: New and Selected Poems* (2011), *The Death of Sitting Bear* (2020), *Earth Keeper: Reflections on the American Land* (2020) e *Dream Drawings* (2022).

2. UMA TAPEÇARIA DE IDENTIDADES, UM CALEIDOSCÓPIO DE SABERES: ELUCIDANDO TEORIAS E PENSAMENTOS

*“O homem branco tem a incrível habilidade de conceituar. Ele também tem a incrível inabilidade de distinguir entre sagrado e profano. Portanto, ele, arbitrariamente, conceitua todas as coisas, mas não entende nenhuma delas. A sua ciência cria artifícios para o seu uso. Não é feito nenhum esforço para relacionar os artifícios com a natureza da vida ou vê-la em um contexto histórico.”*³²

Custer Died for Your Sins: An Indian Manifesto (1969), Vine Deloria Jr.

2.1 A voz do Outro nos Estudos Pós-coloniais

Os Estudos Culturais surgiram em meados do século XX a partir de teóricos engajados em uma análise de aspectos culturais na sociedade, com o objetivo de entender como as relações de poder eram manifestadas, o que incluía, dentre eles, os contextos pós-coloniais. Um marco para os Estudos Culturais foi a criação do *Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS)* em 1964, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, tendo um de seus expoentes mais representativos o jamaicano Stuart Hall. Desde então, os Estudos Culturais passaram a desempenhar um papel importante na popularização dos Estudos Pós-coloniais, que tiveram como precursores os trabalhos de pensadores da Negritude³³: Aimé Césaire (*Discurso sobre Colonialismo*) e Frantz Fanon (*Pele Negra, Máscaras Brancas* e *Os Condenados da Terra*). As obras dos teóricos pós-coloniais contribuíram para o que viria, posteriormente, a influenciar a virada decolonial.

Em um dos livros mais influentes dos Estudos Pós-coloniais, *Orientalismo*, publicado pela primeira vez em 1978, o palestino-estadunidense Edward Said argumenta que a imagem do Oriente, pelos olhos ocidentais, é, na verdade, uma perspectiva monolítica criada com o intuito de impulsionar a ideia eurocêntrica de uma cultura e modelo social superior e civilizado, que é representado pelo Ocidente. Said (2007) utiliza, então, o termo “orientalismo” para designar o discurso criado pelo Ocidente sobre as questões políticas, religiosas e culturais do Oriente que são tidas como ultrapassadas e subdesenvolvidas. Esse discurso reforça a distância esses dois pólos, criando uma dicotomia que vai perpetuar a imagem retratada sobre o Oriente

³² No original: “The white man has the marvelous ability to conceptualize. He has also the marvelous inability to distinguish between sacred and profane. He therefore arbitrarily conceptualizes all things and understands none of them. His science creates gimmicks for his use. Little effort is made to relate the gimmicks to the nature of life or to see them in a historical context.”

³³ Movimento de resistência liderado por autores afrodescendentes naturais de países colonizados pela França. Esses pensadores tinham o objetivo de valorizar a sua cultura originária, repensando o que significava ser negro na sociedade por meio de uma posição anti-colonialista.

como um problema que só pode ser solucionado à luz de ideais eurocêntricos e hegemônicos, sendo o Ocidente, por sua vez, o salvador que possibilita acesso à modernidade e civilização. O conceito do orientalismo é crucial para a compreensão do argumento que vai justificar as ocupações coloniais e expansões imperiais. Essa percepção orientalista concretiza o que vai ser compreendido nos Estudos Pós-coloniais como a criação do Outro.

Pela perspectiva ocidental, o Outro impede a coesão racial e cultural da sociedade. Pode-se definir o Outro como aquele que não é europeu, ou seja, como o sujeito colonizado:

Em termos gerais, o ‘outro’ é qualquer um que seja separado de si mesmo. A existência de outros é crucial ao definir o que é ‘normal’ e em localizar o lugar de alguém no mundo. O sujeito colonizado é caracterizado como ‘outro’ por meio de discursos como *primitivismo* e *canibalismo*, com o intuito de estabelecer uma separação *binária* entre colonizador e colonizado e afirmar a naturalidade e prioridade da cultura colonizadora e visão de mundo (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2013, p. 186, grifo do autor)³⁴.

Dessa forma, a invenção do Outro implica na existência de uma hegemonia representada pelo Eu, tido como superior e desenvolvido, ou seja, o padrão normativo de uma sociedade a que as demais devem emular. No início da narrativa de *House Made of Dawn*, o protagonista Abel volta da guerra embriagado a ponto de não reconhecer seu avô Francisco — o laço mais forte com a sua ancestralidade indígena. Durante os dias seguintes, Abel sente-se desconectado de seu lar, fazendo com que desenvolva um sentimento de não-pertencimento ainda maior na reserva onde morou ao longo de toda a sua vida. A separação de Abel de sua comunidade exemplifica como a imposição da política assimilacionista estadunidense levou à marginalização da cultura indígena e a necessidade de aceitação da cultura hegemônica como única possibilidade de inserção dos nativos na sociedade. Tal fato acarretou em séculos de opressão psicológica, que afetou de forma deletéria a existência desses povos, visto que estavam inseridos em um contexto social em que seus costumes autóctones não eram valorizados. Essa opressão governamental constitui na concretização de uma posição imperialista do governo estadunidense que perdura até os dias atuais.

Segundo Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2013), o imperialismo, que representa a expansão e dominação territorial de países sobre outros, é uma prática comum em diferentes períodos da história, mas que se consolidou no fim do século XIX e estruturou a imagem atual da geopolítica

³⁴ No original: “In general terms, the ‘other’ is anyone who is separate from one’s self. The existence of others is crucial in defining what is ‘normal’ and in locating one’s own place in the world. The colonized subject is characterized as ‘other’ through discourses such as *primitivism* and *cannibalism*, as a means of establishing the *binary* separation of the colonizer and colonized and asserting the naturalness and primacy of the colonizing culture and world view.”

mundial. As expansões imperiais tornaram-se um importante sistema para o ganho dos países europeus após o fim do colonialismo, a posição imperialista supria a necessidade que o ocidente tinha de dominar outros países. O imperialismo é útil para o ocidente pois propaga a ideia de que os povos que estão libertados do controle colonial ainda necessitam ser governados.

As primeiras influências imperiais dos Estados Unidos, antes da expansão imperial externa, formou-se em sua relação com os nativo-americanos. Segundo Said,

[...] os Estados Unidos de fato se expandiram no século XIX em termos territoriais, em geral à custa de povos nativos, e com o tempo vieram a conquistar a hegemonia no continente norte-americano, nos territórios e mares adjacentes. [...] A tendência geral era expandir e estender ainda mais o controle, e não perder muito tempo refletindo sobre a integridade e independência dos Outros, para quem a presença americana constituía, na melhor das hipóteses, uma bênção ambígua (SAID, 2011, p. 441-442).

Da citação acima pode-se depreender, então, que assim como a invasão e ocupação de outros países pelo Império Britânico, o governo estadunidense também tomou uma posição imperialista em relação aos povos indígenas por meio das políticas de extermínio e relocação, que os removeram de seus territórios originais e os colocaram em reservas longe das suas terras originárias. Isso exemplifica como a experiência indígena em território estadunidense foi afetada pelas políticas de relocação que demonstravam a desigualdade que era apoiada por uma relação de poder baseada na opressão e silenciamento. Os Estados Unidos buscavam demonstrar seu poder como um ato necessário de benevolência; se quisessem continuar a existir, os nativos deveriam seguir as imposições governamentais de rejeição de sua cultura autóctone e aceitação da cultura hegemônica.

A consequência mais grave dessa abordagem imperialista sobre as nações originárias foi o apagamento de povos indígenas. A indiana Gayatri Chakravorty Spivak indaga em seu ensaio “Pode o Subalterno Falar?”, sobre as condições em que os subalternos³⁵ estão sujeitos na sociedade. Spivak (2010) esclarece que o subalterno é incapacitado de falar pois é silenciado, e sua realidade é distorcida e condicionada em uma sociedade que domina seus corpos e reconta suas histórias sem nenhuma preocupação com as particularidades de sua cultura, subjugando-os a ocupar um espaço de silenciamento. A experiência indígena foi recontada por uma perspectiva enviesada que servia os interesses dos Estados Unidos em manter sua imagem de *land of the free*, retratando-os como povos protegidos, ou até mesmo privilegiados pelo governo

³⁵ O termo “subalterno” utilizado por Spivak está inserido no que a autora vai argumentar sobre a situação do povo indiano em contextos pós-coloniais, principalmente os hindus, as viúvas e os dalits. Esse termo foi perpetuado pelo seu uso nos Estudos Subalternos, que incluem teóricos e pensadores sul-asiáticos, que foram influenciados pela filosofia de Antonio Gramsci.

estadunidense. Isso ocorre, por exemplo, com os indígenas que ainda vivem em reservas e são constantemente acusados por conservadores de não terem direitos àquelas terras, o que leva a esforços severos de fazer com que seus direitos sobre as terras sejam revogados.

As contribuições dos teóricos pós-coloniais possibilitaram pensar a situação do Outro por outros ângulos. Neste contexto, alguns pensadores na América Latina tornam-se parte de um movimento que tenta desvincular-se dos saberes tidos como universais pelo ocidente. Para compreender a relação entre os estudos culturais/pós-coloniais e o pensamento decolonial³⁶, é necessário uma contextualização histórica acerca da emergência do conceito de decolonialidade na América Latina a fim de compreender o que foi o “giro decolonial”.

2.1 Entendendo a Decolonialidade

A colonização e o desejo de expansão e dominação imperiais se justificaram através da propagação da necessidade da missão civilizatória — em sendo bárbaro e inferior, o Outro precisava ser colonizado a fim de alcançar a cultura que supostamente não tinha. A construção do *Eu versus Outro*, o *Eu* sendo representado pelo europeu colonizador e civilizado, e o Outro pelos povos colonizados e selvagens que precisam encontrar a luz do saber europeu, contribui para o eurocentrismo do saber e está vinculado ao falacioso “mito da modernidade”, que sustenta a ideia do desenvolvimento humano baseado na colonização. Essa crença desconsidera a noção da existência de uma pluralidade de pensamento que não incluía a Europa em seu centro (DUSSEL, 1993).

Buscando um desprendimento das filosofias ocidentais que não abrangem as problemáticas enfrentadas em países chamados de Terceiro Mundo, autores e pensadores latino-americanos defendem a necessidade de um “giro decolonial”, que ocorreu na década de 1990. Assim como explicitado por Grosfoguel (2007a), esse desprendimento da epistemologia ocidental advém da necessidade em ter uma base teórica que representa a pluralidade de pensamento e saberes de povos que foram colonizados-que não foram libertados por completo ao fim do colonialismo.

Com o fim do colonialismo histórico enquanto prática predatória de subjugo de povos não-europeus, foi necessário pensar novas formas de manter as relações de dependência

³⁶ Utilizaremos o termo “pensamento decolonial” em vez de “estudos decoloniais” em concordância com os argumentos propostos por Mignolo e Walsh (2018) de que a decolonialidade procura o desvínculo com a epistemologia europeia hegemônica, o que inclui escolhas semânticas.

daquelas sociedades. O sociólogo Aníbal Quijano vai introduzir o termo colonialidade ao tentar explicar as relações de poder na sociedade após o período colonial. Segundo o autor,

[...] ainda que o colonialismo político tenha sido eliminado, a relação entre Europa — também chamada de cultura ‘ocidental’ — e as outras culturas, continua sendo uma de domínio colonial. Não é apenas uma subordinação das outras culturas em comparação com a europeia, por meio de uma relação externa; mas também da colonização de outras culturas, mesmo que realizada em diferentes intensidades e profundidades. Essa relação consiste, primeiramente, de uma colonização da imaginação do dominado; ou seja, age no interior dessa imaginação, de certa forma, é parte dela (QUIJANO, 2007, p. 169)³⁷.

Como explicitado por Quijano, a colonialidade pode ser compreendida como a manutenção das opressões que existiram durante o período colonial, que permanecem mesmo após o desmantelamento das estruturas coloniais. Com o fim do colonialismo, os povos colonizados ainda se mantêm dominados e oprimidos; raça, etnia, classe, gênero e sexualidade são fatores determinantes para sua autopercepção, e para como são vistos na sociedade. A colonialidade se solidifica ao ponto de tornar-se um mecanismo controlador na vida dos que a experienciam, a partir da manutenção das desigualdades. Assim, mesmo que estruturas coloniais políticas que estiveram presentes nas Américas durante o período de colonização tenham sido eliminadas, a colonialidade continua a existir como ideia, camuflada nas sociedades ditas “modernas”.

A colonialidade é constantemente obscurecida pela noção de modernidade construída pelo ocidente. Segundo Mignolo e Walsh (2018), a relação modernidade/colonialidade apresenta a ideia de que uma sociedade contemporânea e que desenvolveu-se devido o avanço da modernidade após a colonização, é, na verdade, apenas a outra face da colonialidade, a modernidade existe pois é alimentada pela colonialidade; são indissociáveis, ambos existem porque articulam e sustentam-se na existência do outro. A “[...] modernidade/colonialidade funciona para continuar negando, rejeitando, distorcendo e anulando conhecimentos, subjetividades, juízos de mundo e visões de mundo” (MIGNOLO e WALSH, 2018, p. 4)³⁸. Essa ideia justifica a concepção de que é necessário o ocidente ajudar outros países, muitas vezes por meio do imperialismo, a fim de alcançarem a modernidade.

³⁷ No original: “[...] in spite of the fact that political colonialism has been eliminated, the relationship between the European — also called ‘Western’ — culture, and the others, continues to be one of colonial domination. It is not only a matter of the subordination of the other cultures to the European, in an external relation; we have also to do with a colonization of the other cultures, albeit in differing intensities and depths. This relationship consists, in the first place, of a colonization of the imagination of the dominated; that is, it acts in the interior of that imagination, in a sense, it is a part of it.”

³⁸ No original: “[...] modernity/coloniality has worked and continues to work to negate, disavow, distort and deny knowledges, subjectivities, world senses, and life visions.”

Em um movimento reativo constituído pela crítica à opressão do ocidente, em especial à América Latina, pensadores decoloniais, oriundos de diferentes contextos, unem-se para articular uma base de pensamento não-eurocêntrico. Essas opressões conceituam o que Quijano vai articular sobre a colonialidade, argumentando como cada faceta da colonialidade constitui esse discurso hegemônico; a colonialidade será entendida por três vertentes: saber, ser e poder.

A colonialidade do saber, ser e poder é informada, se não constituída, pela catástrofe metafísica, pela naturalização da guerra e pelas várias modalidades da diferença humana que se tornaram parte da experiência moderna/colonial enquanto, ao mesmo tempo, ajudam a diferenciar modernidade de outros projetos civilizatórios e a explicar os caminhos pelos quais a colonialidade organiza múltiplas camadas de desumanização dentro da modernidade/colonialidade (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 42).

Como discutido pelo autor, as diferentes colonialidades existem como uma maneira de continuar controlando as diferentes vivências das pessoas que estão inseridas na sociedade a partir de um discurso hegemônico. Esse processo que torna essas matrizes de opressão uma parte normal da sociedade, existem com o intuito de subjugar a experiência moderna, constantemente abordando as particularidades dessas vivências de maneira insensível ou até mesmo impossível. Na análise que será realizada no próximo capítulo, será elucidado como a colonialidade, principalmente a colonialidade do saber e do ser são inerentes na narrativa durante a jornada do protagonista.

Segundo Maldonado-Torres (2019, p. 44), “[a] colonialidade do ser inclui a colonialidade da visão e dos demais sentidos, que são meios em virtude dos quais os sujeitos têm um senso de si e do seu mundo”. A colonialidade do ser é representada pela posição autoritária que afeta a existência dos povos que estão do outro lado do espectro, e são dominados e condicionados a uma vivência que não espelha o seu contexto. Esse lado da colonialidade implica na maneira como os nativo-americanos terão suas vidas condicionadas a uma existência que está relacionada aos padrões hegemônicos, que rejeita sua ancestralidade e adota a cultura branca, dominante e eurocentrada como a única possível.

Além da maneira como a colonialidade afeta a existência dos povos oprimidos, a colonialidade do saber, por sua vez, terá um impacto na maneira como a produção epistemológica não-ocidental será excluída da epistemologia mundial, pois será tida como parte dos saberes místicos, e nunca científicos. Grosfoguel (2007b) chama essa exclusão de racismo epistêmico:

O racismo epistêmico [...] opera privilegiando as políticas identitárias (*identity politics*) dos brancos ocidentais, ou seja, a tradição de pensamento e pensadores dos homens ocidentais (que quase nunca inclui as mulheres) é considerada como a única legítima para a produção de conhecimentos e como a única com capacidade de acesso à “universidade” e à “verdade”. O racismo epistêmico considera os conhecimentos não-ocidentais como inferiores aos conhecimentos ocidentais [...] todas as disciplinas, sem exceção, privilegiam os pensadores e teorias ocidentais, sobretudo aquelas dos homens europeus e/ou euro-norte-americanos (GROSFOGUEL, 2007b, p. 32, grifo do autor).

Esse racismo epistêmico contribui para a contínua marginalização dos saberes produzidos por críticos e estudiosos não-ocidentais, que são excluídos e silenciados por se oporem às filosofias e teorias excludentes da epistemologia europeia que não os representam. Grosfoguel (2007b) acrescenta que os estudos étnicos foram afetados por essa crença pois a colonização disciplinar, que envolve a centralização da episteme eurocêntrica na filosofia universal, buscava elucidar esses estudos por uma ótica externa, representada pelo ocidente. Então,

[e]m vez de produzir conhecimentos a partir do pensamento crítico que os sujeitos discriminados/inferiorizados produzem, as disciplinas impõem o padrão de pensamento e a epistemologia ocidental do “ponto zero” – o ponto de vista que não se assume como ponto de vista próprio [...]. Isso afetou a produção de conhecimentos nos departamentos/programas de estudos étnicos porque em vez de produzir conhecimentos “dos” e “com os” grupos etno-raciais dirigidos a sua liberação, privilegia-se a produção de conhecimentos “sobre” os “outros” seguindo a tradição epistemológica colonial que vai desde os missionários cristãos do século XVI até os cientistas sociais de nossos dias e que fazem do sujeito discriminado/inferiorizado um “objeto de estudo” para dominar e explorar (GROSFOGUEL, 2007b, p. 34).

A partir de dissonâncias de vozes de autores não-ocidentais que se recusavam a se alinhar às epistemologias europeizantes, sempre parciais e monolíticas, surge o movimento conhecido por decolonialidade. Mignolo e Walsh (2018, p. 106) descrevem que o “[...] pensamento e fazer decolonial objetiva desvincular-se das suposições epistêmicas comuns em todas as áreas de conhecimento estabelecidas no mundo ocidental desde o Renascimento europeu e durante todo o Iluminismo europeu”³⁹. Assim, no pensamento decolonial ocorre uma desvinculação com o pensamento ocidental, buscando incluir novas visões de mundo e novos saberes, objetivando espelhar as múltiplas realidades da sociedade. Como proposto por Maldonado-Torres (2019), desvincular esse saber epistêmico ocidental proporciona a inclusão necessária e que procura descontinuar a colonialidade.

³⁹ No original “[...] decolonial thinking and doing aim to delink from the epistemic assumptions common to all the areas of knowledge established in the Western world since the European Renaissance and through the European Enlightenment.”

Visto que a decolonialidade busca desvincular-se da epistemologia hegemônica e branca, Mignolo (2008) propõe a desobediência epistêmica. Conforme supracitado, os saberes ocidentais buscam uma universalização de suas epistemologias, valorizando apenas o objetivismo científico e rotulando os saberes não-ocidentais de subjetivos, e portanto, desnecessários e passíveis de descarte. A desobediência epistêmica, então, envolve focalizar nos conhecimentos de outros lugares além da Europa, o que não significa desconsiderar por completo as epistemologias ocidentais, desde que não sejam marcadas como universais. É um processo em que “[p]recisamos desatar o nó, aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo” (MIGNOLO, 2008, p. 305). A desobediência epistêmica é uma opção decolonial, e nos permite combater as falácias da sabedoria universal do ocidente, que silencia e oprime os conhecimentos de outros lugares.

2.3 Em busca da identidade perdida

A jornada de Abel, como veremos no capítulo analítico, é marcada pela sua fragmentação identitária. Seu alheamento à sua cultura, torna a sua experiência como nativo-americano na sociedade estadunidense um exemplo claro de como os esforços de desprender indígenas de suas raízes originárias tem um efeito marcante e duradouro nessas comunidades. Por isso, é necessário elucidar alguns conceitos-chave para os estudos culturais — identidade e hibridismo.

O conceito de identidade cultural está constantemente atrelado às configurações impostas na sociedade sobre a identidade de povos inseridos em contextos pós-coloniais. É de importância, no entanto, compreendermos as relações existentes entre identidade e cultura, e como essas relações formam as concepções binárias sobre a identidade cultural na sociedade, tendo como exemplos determinantes o colonizador e o colonizado e suas respectivas identidades.

Durante um longo período, o objetivo colonial era que a identidade de uma nação fosse única, isso ocorreu por meio dos processos civilizatórios que incluíam a opressão e o genocídio dos povos autóctones. Além disso, após o período colonial, é possível perceber que alguns povos que fizeram parte dessa exclusão passaram a ser marcados como parte de uma única identidade que abrange todos os sujeitos colonizados. Bhabha (2010) discute a identidade articulando entre as diferenças identitárias existentes na sociedade, elucidando as lacunas que dificilmente são percebidas nesses diálogos. Essas observações feitas sobre as identidades de

povos de países que foram colonizados, demonstra que suas identidades são, na verdade, parte de um processo que objetiva o seu apagamento.

Pensar na identidade a partir das diferenças existentes nos contextos culturais, possibilita entender como essas diversidades são observadas. No caso específico dos Estados Unidos, os nativo-americanos enfrentam conflitos de não se sentirem parte da sociedade, devido a séculos de tensões existentes entre o governo e os nativo-americanos. O objetivo dos Estados Unidos tem sido, por meio desse processo de assimilação cultural, despir esses povos de qualquer resquício identitário que os remeta às suas heranças étnicas e culturais, validando a crença de que apenas uma única identidade — a hegemônica — é possível e aceitável.

Segundo Bhabha (2010), as construções identitárias do sujeito colonizado estão frequentemente atreladas com as imagens que são criadas sobre eles, por seu espelhamento na identidade do colonizador. Nesse caso, a identidade do colonizador prevalece e a partir dele é construído uma identidade para o outro, que será uma extensão da imagem do “eu”. Tal relação se sustenta porque a identidade do sujeito colonizado é desprezada, e as complexidades de sua realidade cultural, desconsideradas. Ainda nesse ponto, Bhabha acrescenta que as identidades são fluidas, visto que

[...] a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia *autocumpridora* — é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. [...] A identificação, [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem (BHABHA, 2010, p. 76-77, grifo do autor).

As lógicas atribuídas à identidade são parte de uma compreensão fixa que constrói a identidade dentro de uma ideia dicotômica sobre o lugar da identidade na representação social de seus povos. A hipótese de que a identidade é marcada pela relação colonizador/colonizado, possivelmente, com o intuito de monopolizar a ideia de identidade dentro dos contextos pós-coloniais, atribui aos povos colonizados o *status* de específicos, com identidades unilaterais. No entanto, o conceito de identidade é caracterizado como parte de um processo constante, e não de uma concepção formada e atribuída ao nascer, ou exclusiva do contexto em que o sujeito está inserido.

Abel, como verificaremos no capítulo subsequente destinado à análise literária do romance, faz parte de uma descendência ancestral de duas etnias indígenas diferentes; a de sua mãe com a qual foi criado e tem um forte laço, e a de seu pai, desconhecida e desapegada de sua realidade. Esse conflito interno constitui a raiz dos problemas que o protagonista irá enfrentar uma vez que sua identidade é invalidada dentro da sociedade estadunidense. A

experiência de Abel, que lutou em uma guerra que não era sua — por um país que não o reconhece — estabelece como o desprendimento da identidade pode ocorrer dentro de uma sociedade que apresenta ser a única solução de se encontrar enquanto sujeito e ter um propósito. Podemos entender a crise identitária de Abel como hibridismo.

Bhabha (2010) introduz o termo hibridismo para falar sobre as diferenças enfrentadas por sujeitos em contextos pós-coloniais que representam as intersecções e as diferenças, divergências e convergências que podem ser usualmente atribuídas à sua identidade na sociedade. Dessa forma, o hibridismo constitui as diferenças intrínsecas ao sujeito colonizado que podem causar um colapso interno enfatizado pela “estranheza” e o senso de não-pertencimento.

Em diálogo com Bhabha, Hall (2013) defende que o hibridismo

[...] não é uma referência a composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da *tradução*. Essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial.

[...] O hibridismo não se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade (HALL, 2013, p. 71, grifo do autor).

O hibridismo não está exclusivamente relacionado à descendência biracial de povos indígenas na sociedade com a população branca, mas faz parte de um sentimento de multiplicidade dentro da sua realidade, em que seu corpo e sua vivência estão constantemente entrando em colapso devido ao choque entre a cultura de uma comunidade indígena e sua inserção na cultura hegemônica da sociedade. O hibridismo possibilita entender que a identidade não é um conceito fixo e que é formado ao nascimento, mas faz parte de uma construção contínua e inacabada todo o tempo, que dentro de contextos culturais é expandida pensando na realidade de povos que enfrentam o conflito de ocuparem espaços intersticiais, pois dentro de si integram as culturas de duas ou mais nações ao mesmo tempo.

Hall (2013), expande a discussão sobre a identidade a partir de sua inserção no contexto diaspórico. Na diáspora, as identidades antes entendidas como únicas e atreladas àquela do colonizador não são mais binárias, mas fluidas e caracterizadas pela multiplicidade, confluindo as identidades culturais no novo contexto em que os povos colonizados estão inseridos, sempre em diálogo com as suas raízes étnicas originárias.

A “identidade nacional” atribui um senso de “pertencimento” dentro de contextos diaspóricos pela maneira como esses povos resguardam sua identidade atrelando ela ao lugar

de onde vieram, mesmo vivendo em um outro contexto. Ao passo que as identidades culturais desses povos são esvaziadas ou até mesmo renegadas na sociedade por atribuir a ideia de que apenas uma única identidade é possível para a nação, a reafirmação de povos em contextos diaspóricos de sua identidade cultural, representa uma posição caracterizada pelo enfrentamento à concepção de identidades homogêneas na sociedade (HALL, 2013).

Possuir uma identidade cultural [...] é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. E, claro, um mito — com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido a nossa história (HALL, 2013, p. 29).

As identidades de povos indígenas, formadas a partir de sua cultura, são preservadas e resguardadas em contextos adversos, constituindo a formação cultural e identitária de seus povos por preservarem sua herança étnica.

2.4 Narrativas de *survivance*: a sobrevivência como ato de resistência

As narrativas sobre povos indígenas foram escritas por muitos pontos de vista em diferentes períodos da história. Em romances, filmes e livros de história suas narrativas foram constantemente escritas e reescritas por autores que não estavam incluídos no contexto sobre o qual reportavam, narravam ou discutiam. Powell (2002) argumenta que, em meio aos conflitos entre o governo estadunidense e as comunidades nativo-americanas, a literatura emerge como uma ferramenta de resistência para subverter as imagens criadas sobre os indígenas a partir de estereótipos criados e expandidos durante séculos de exclusão. Os indígenas, mediante essa constante omissão, acham necessária uma atitude que espelhasse uma posição de resistência, em um mundo em que seus costumes eram subjugados, seus corpos violados e suas vidas estereotipadas.

O autor nativo-americano e membro da comunidade Anishinaabe Gerald Vizenor apresenta o termo *survivance*⁴⁰ pela primeira vez em seu livro *Manifest Manners: Narratives*

⁴⁰ O termo *survivance* dificilmente poderia ser traduzido para o português sem que o sentido original se perdesse. *Survivance*, diferente da palavra em inglês “survival”, não representa apenas a sobrevivência, mas uma contínua sobrevivência que é reimaginada e reformulada todos os dias, atrelada à uma posição de resistência. Muitos acadêmicos, por exemplo, argumentam que *survivance* seria a junção das palavras “survival” e “resistance” ou “survival” e “endurance”, contudo, o próprio Vizenor (2008) explica que o conceito de *survivance* está relacionado com a ação da sobrevivência, que envolve não apenas sobreviver, mas continuar sobrevivendo.

on *Postindian Survivance* (1994) e o descreve como um processo de “presença” em vez de “ausência”, assim, se a verdadeira vivência indígena não está sendo narrada, pois está ausente, essa posição de resistência atrelada à produção literária indígena expõe a presença necessária dos indígenas. Narrativas de *survivance* emergem com o intuito de combater a imagem que foi criada sobre indígenas por meio da literatura, o que implica em uma reformulação completa dessas percepções, que serão substituídas por representações condizentes com a realidade indígena, seja sobre a vida na reserva, ou sobre indígenas em ambientes urbanos. Vizenor explica o conceito em detalhes:

As teorias de *survivance* são evasivas, obscuras e imprecisas por definição, tradução, comparação ou histórias de palavras-chave, mas *survivance* é invariavelmente verdadeira e justa na prática e sociedade indígena. A natureza de *survivance* é inconfundível em histórias nativas, razão natural, lembrança, tradição e costumes e é claramente observável em resistência narrativa e atributos pessoais, tal qual a provocação humanista nativa, ironia vital, espírito, mente, coragem moral. O personagem de *survivance* cria um senso de presença sob ausência, niilismo e vitimismo.

Survivance indígena é um ativo senso de presença sob ausência de desraizamento e esquecimento; *survivance* é a continuação de histórias, não apenas uma reação, mesmo que pertinente. *Survivance* é maior que o direito à sobrevivência.

Histórias de *survivance* são renúncias de dominação, depreciação, intrusão, os insuportáveis sentimentos de tragédia, e o legado do vitimismo. *Survivance* é o direito herdado de sucessão ou reversão de um estado e, durante as declarações internacionais dos direitos humanos, é uma propriedade narrativa da *survivance* indígena (VIZENOR, 2008, p. 1, grifo nosso)⁴¹.

As imagens estereotipadas de nativo-americanos afetaram sobremaneira a percepção da sociedade sobre elas. Essas representações, em seu turno, impactaram a maneira como eram retratados na mídia, em filmes e séries de televisão; o esvaziamento que a sua cultura enfrenta pelo uso de mascotes com suas imagens em times de futebol americano, beisebol, hóquei etc.; a figura do *wooden Indian* como decoração em bares; no caso do Brasil, o “Dia do Índio”, em que crianças são vestidas com trajes indígenas e pinturas faciais que desrespeitam a ancestralidade indígena e a identidade cultural desses povos, reduzindo-os a fantasias. O ambientalista brasileiro de etnia krenak Ailton Krenak examina a persistência de narrativas

⁴¹ No original: “The theories of survivance are elusive, obscure, and imprecise by definition, translation, comparison, and catchword histories, but survivance is invariably true and just in native practice and company. The nature of survivance is unmistakable in native stories, natural reason, remembrance, traditions, and customs and is clearly observable in narrative resistance and personal attributes, such as the native humanistic tease, vital irony, spirit, cast of mind, and moral courage. The character of survivance creates a sense of native presence over absence, nihility, and victimry. Native survivance is an active sense of presence over absence, deracination, and oblivion; survivance is the continuance of stories, not a mere reaction, however pertinent. Survivance is greater than the right of a survivable name. Survivance stories are renunciations of dominance, detractions, obtrusions, the unbearable sentiments of tragedy, and the legacy of victimry. Survivance is the heritable right of succession or reversion of an estate and, in the course of international declarations of human rights, is a narrative estate of native survivance.”

dominantes e o apagamento de outras, produzidas por povos indígenas: “Por que essas narrativas não nos entusiasмам? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” (KRENAK, 2019, p. 10). Todas essas imagens que ofendem e negam a existência indígena, foram responsáveis por atrelar a existência indígena a noções pré-estabelecidas e violentas que os diminuem e descartam seus saberes e cultura.

Segundo Baker (2005),

[p]arte de ser nativo no mundo atual está frequentemente relacionado com a dissonância entre a percepção que temos de nós mesmos como nativos e a percepção de outros sobre o “nativo”. Uma das formas que estamos contornando esse atrito entre o que sabemos sobre nós mesmos e o que outros falam sobre quem “somos” é por meio da nossa escrita. [...] Como narradores, escritores indígenas têm o poder criativo de moldar as formas de existir no mundo. Podemos imaginar e representar formas de fazer nossas comunidades completas e saudáveis. Nossas histórias, por vezes humorísticas e divertidas, não devem ser banalizadas como tradições pitorescas de uma cultura arcaica (BAKER, 2005, p. 112-113)⁴².

Portanto, se autores nativos fogem da construção estereotipada dos indígenas em suas narrativas, substituindo-os por personagens complexos e originais, expandem a visão inicial sustentada por tantos séculos acerca dos autóctones. Krenak (2019) explica que essas motivações de continuar contando histórias vem da persistências dos antepassados indígenas:

Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos. A civilização chamava aquela gente de bárbaros e imprimiu uma guerra sem fim contra eles, com o objetivo de transformá-los em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade. [...] Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade (KRENAK, 2019, p. 14).

A existência dessas narrativas de resistência demonstram a sua importância na motivação dentro das sociedades nativas. Powell (2002) explica que o papel atribuído à literatura dentro da comunidade indígena contribui para desmistificar a figura estabelecida do indígena, mas também salienta a necessidade dessas narrativas, ao mesmo tempo em que combatem essas imagens, de induzirem o pensamento crítico.

⁴² No original: “Part of being Native in the world today is often about negotiating the dissonance between how we perceive ourselves as Native and how others perceive “Native” itself. One of the ways we are negotiating this discord between what we know about ourselves and what others would say we “are” is through our writing. [...] As storytellers, Native writers have the creative power to fashion ways of being in the world. We can envision and enact ways to make our communities whole and healthy. Our stories, while at times humorous or playful, are not to be trivialized as quaint customs of an archaic culture.”

Survivance é “simulada” porque despojar-se do “indígena” arruinou representações. Para prevenir o mesmo processo ao desfazer a presença de povos indígenas, essa presença precisa conscientemente incluir uma crítica a suas próprias construções semióticas [...]. Deve ser assim para combater as simulações do “indígena autêntico” em modos de dominação (POWELL, 2002, p. 400-401, grifo nosso)⁴³.

As narrativas de *survivance*, como é o caso de *House Made of Dawn*, são portanto uma declaração da importância da literatura nativo-americana pois nega a imagem de vitimista do indígena, rótulo antigo dos filmes *western* que se reconfigura na mídia de muitas formas nos dias atuais. Momaday vai além disso, e escreve uma narrativa que demonstra o quão nociva é a sociedade na qual o protagonista está inserido, capaz de corromper a sua experiência indígena, como veremos na seção seguinte.

⁴³ No original: “*Survivance* is “simulated” because the striptease of “the Indian” has ruined representation. In order to prevent the same process from undoing the presence of Indian peoples, that presence has to self-consciously include a critique of its own semiotic construction [...]. It must be in order to counter the simulations of the “authentic Indian” in the manners of dominance.”

3. VOLTANDO PARA CASA: A JORNADA DE ABEL EM *HOUSE MADE OF DAWN*

“Me levantarei/ficarei de pé/lentamente lentamente/sempre lentamente/[...]/Estou aprendendo/permita-me triunfar.”⁴⁴

“The Awakening”, Edward Kamau Brathwaite

3.1 Resumo da obra

No prólogo, inicia-se uma narrativa curta em estilo onírico que apresenta o protagonista, Abel, um nativo-americano de etnia Jemez Pueblo, correndo em uma prática cerimonial, com parte do corpo coberto com cinzas. Por meio das detalhadas descrições sobre a natureza, é destacada a completa conexão existente entre o protagonista e o mundo natural que o rodeia.

A primeira parte do romance, intitulado *The Longhair*, se passa em Walatowa, Cañon de San Diego, em 1945 e é dividida em sete capítulos. Abel, retorna da Segunda Guerra Mundial desconectado e mentalmente instável. Ele está dividido entre a cultura de sua comunidade e o mundo moderno que pode ser usufruído fora da reserva, esses sentimentos contribuíram para o alcoolismo que o acomete. Na reserva, ele tenta entrar no ritmo de seu povo, mas não consegue. Na cerimônia realizada no feriado de *feast of Santiago*, Abel tenta participar das festividades, mas é derrotado por Juan Reyes Fragua, também chamado de albino. Durante esse mesmo período, Abel começa a trabalhar na casa de uma mulher branca, chamada Angela St. John, com quem desenvolve uma relação sexual. A seção encerra com Abel assassinando o albino e sendo preso.

Em um salto temporal de sete anos, a segunda parte do romance, intitulada *The Priest of the Sun*, é localizada em Los Angeles, em 1952, e é dividida em dois capítulos. A narrativa intersecta sermões proferidos por Tosamah para a comunidade indígena em Los Angeles, com imagens de Abel tentando sobreviver longe da reserva. Após sair da prisão, Abel não consegue trabalhar, continua desconectado do mundo e está constantemente embriagado, seu desprendimento do mundo ao redor apresenta ser mais agravado do que a alienação experienciada ao voltar da guerra.

The Night Chanter, a terceira parte do romance, consiste de apenas um capítulo, sendo este o mais longo. O narrador, Ben Benally, é amigo de Abel e o aloja em seu apartamento quando este ganha liberdade condicional. Ben preocupa-se diariamente com Abel, que está

⁴⁴ No original: “I will rise/and stand on my feet/slowly slowly/ever so slowly/[...]/I am learning/let me succeed.”

sempre fora de casa e não consegue manter nenhum trabalho. Abel é visitado pela assistente social Milly, que tenta compreender o que ocorre com Abel, mas sem sucesso; eventualmente eles iniciam uma relação amorosa. Um policial, Martinez, famoso pelos atritos causados com nativos, ao encontrar com Abel pela primeira vez, o agride e machuca sua mão. Abel, furioso, promete matar o *culebra* (apelido de Martinez). Nessa ocasião, Abel é agredido e levado para o hospital, onde é visitado por Angela. Ela conta uma história para Abel, a mesma que conta para seu filho Peter, sobre um urso e uma donzela. Essa história relembra Angela da admiração que ela sempre terá por Abel, o que motiva o protagonista a sair de Los Angeles e voltar para a reserva. Ben narra os últimos momentos de Abel em Los Angeles, incluindo os últimos momentos deles dois juntos, e reconhece que ao sair de lá Abel voltará para casa.

A quarta e última parte do romance *The Dawn Runner*, composta de dois capítulos, narra os eventos que marcam o retorno de Abel para a sua reserva e os últimos momentos dele com seu avô, que está prestes a morrer. Após tentar por sete dias conversar com o avô, uma visão retroativa de sua vida mostra os momentos significativos que fizeram de sua cultura uma parte indivisível de sua existência. Após realizar o enterro de seu avô de acordo com os costumes de sua comunidade, Abel participa de uma cerimônia na qual corre ao passo que o nascer do sol surge na imensidão da terra.

3.2 “De repente, ele teve a sensação de estar sozinho”: Abel e o alheamento à cultura autóctone

A imagem que abre o primeiro capítulo é uma descrição da natureza que rodeia a narrativa: “O rio encontra-se em um vale de colinas e campos” (MOMADAY, 2021, p. 5)⁴⁵. A presença do rio, que tem como característica o fluxo contínuo da água, pode simbolizar a essência inesgotável do lugar. A narrativa detalhada sobre as belezas da terra tem o objetivo de fixar esse espaço narrativo, construindo uma ideia da terra como um aspecto importante para a subsequente reconstrução identitária de Abel. Nesse ambiente, Francisco é visto trabalhando no campo: “O velho Francisco conduziu uma manada de éguas vermelhas perto dos meandros do rio ao redor de uma *cottonwood*” (MOMADAY, 2021, p. 6, grifo nosso)⁴⁶. O trabalho realizado por Francisco é descrito com precisão e clareza, detalhando a construção do personagem a partir de sua forte conexão com a natureza e o seu lugar na terra.

⁴⁵ No original: “The river lies in a valley of hills and fields.”

⁴⁶ No original: “The old man Francisco drove a team of roan mares near the place where the river bends around a cottonwood.”

Essas imagens são contrastadas pela volta de Abel em um vagão, retornando da Segunda Guerra Mundial. No reencontro de Abel com seu avô, ele mostra estar desconectado da realidade:

“Abelito, Abelito”, ele repetiu passivamente, e olhou rapidamente o vagão e as éguas, certificando-se de que tudo estava em ordem. [...] A porta abriu e Abel pisou no chão e cambaleou. Ele estava bêbado, e caiu em cima de seu avô e não o reconheceu. Seus lábios molhados estavam caídos e seus olhos semicerrados e revirados (MOMADAY, 2021, p. 8-9, grifo nosso)⁴⁷.

Francisco encontra-se com Abel em circunstâncias adversas visto que seu neto retorna da guerra alcoolizado ao ponto de não reconhecê-lo. Historicamente, o álcool foi introduzido na vida dos nativo-americanos por meio do colonialismo. Assim, a decisão de tornar uma característica destrutiva causada pelos europeus um dos mecanismos utilizado por Abel para lidar com sentimentos aflitivos, que serão intensificados ao longo da narrativa, representa a contínua dominação e a natureza destrutiva do colonialismo na existência indígena⁴⁸.

Antes de partir para a guerra, Abel já apresentava um sentimento de solidão que foi amplificado durante o período em que separou-se de sua terra e lutou por uma guerra que não o representava. As lembranças que antecederam sua ida são claras na mente de Abel, mas “era o passado recente, a intervenção sem sentido de dias e anos, de calma e colisão terríveis, tempo sempre iminente e confuso, que ele não conseguia organizar em sua mente” (MOMADAY, 2021, p. 22-23)⁴⁹. A identidade de Abel começa a ter uma fragmentação mais intensa e aparente a partir dessas experiências. Em um *flashback* da guerra, o leitor tem uma visão da única lembrança de Abel:

Ele não sabia onde estava, e estava sozinho. Não, havia homens por perto, corpos de homens; ele mal podia vê-los espalhados entre os poços, seus membros dispersando-se na ninhada de folhas, e as folhas caíam nos eixos de luz, centenas de folhas, balançando e caindo sem som. Mas havia som: algo baixo e contínuo, quase distante, movimentando e aproximando-se devagar e precisamente. Estava acima e atrás dele, atravessando toda a colina, avançando. Moveu-se para o crescente silêncio,

⁴⁷ No original: “‘Abelito, Abelito,’ he repeated under his breath, and he glanced at the wagon and the mares to be sure that everything was in order. [...] The door swung open and Abel stepped heavily to the ground and reeled. He was drunk, and he fell against his grandfather and did not know him. His wet lips hung loose and his eyes were half closed and rolling.”

⁴⁸ Muitas vezes introduzida para esses povos durante negociações no período colonial, o grande consumo de bebidas alcoólicas em comunidades indígenas é representativo da natureza nociva do colonialismo. Contudo, mesmo que ainda o acometam em grande escala, é importante ressaltar que o alcoolismo também pode ser considerado um traço estereotipado na representação de nativo-americanos. Momaday, no entanto, subverte esse arquétipo, narrando as experiências de seu protagonista a partir de inúmeros comportamentos destrutivos, em grande parte causados pela sociedade branca.

⁴⁹ No original: “It was the recent past, the intervention of days and years without meaning, of awful calm and collision, time always immediate and confused, that he could not put together in his mind”

apropriando-se do silêncio e crescendo dentro dele, aproximando-se. E em toda a terra havia silêncio; uma camada fina de fumaça suspendeu-se na distância (MOMADAY, 2021, p. 23)⁵⁰.

As lembranças da guerra são fragmentadas e contribuem para o esfacelamento gradual da estabilidade mental de Abel. Da mesma forma que ele não consegue compreender por completo como sua existência foi minada, essa experiência ocasionou um completo senso de dissociação de sua realidade. Abel apresenta claros sinais de Estresse pós-traumático (PTSD)⁵¹, momentos da guerra juntam-se em sua mente de uma forma desconexa, impossibilitando-o de entender o que ocorreu por completo. Isso explica o fato do protagonista estar em um estado de angústia tão forte que ele não tem voz em sua própria narrativa; a única maneira que o leitor tem de adentrar em sua mente e compreender os eventos de seu passado é através do narrador ou da descrição que os demais personagens fornecem acerca dele. “Ele tremia violentamente, e a máquina avançou sobre ele, aproximou-se, e passou perto. Um vento surgiu e atravessou o declive, espalhando as folhas” (MOMADAY, 2021, p. 24)⁵². Assim como as folhas no fim do *flashback*, as lembranças de Abel estão espalhadas em sua memória.

A experiência da guerra, no entanto, representa apenas um dos eventos que contribuíram para a desintegração mental de Abel. Momentos cruciais de sua infância influenciaram esse sentimento antes mesmo de sua inserção no mundo do homem branco. Abel “não sabia quem era seu pai. Seu pai era um Navajo, assim eles diziam, ou um Sia, ou um Isleta, um forasteiro de qualquer forma, o que tornou ele e sua mãe e Vidal de certo modo estrangeiros e estranhos” (MOMADAY, 2021, p. 11)⁵³. O sentimento de não-pertencimento manifestado por Abel tem raízes no desconhecimento da identidade paterna, o que dificulta uma integração do personagem à sua comunidade, linhagem e uma conexão com seus traços autóctones. Esse desprendimento que resulta dos sentimentos de estranheza e a existência em um entre-lugar é uma característica comum da experiência nativo-americana nas comunidades indígenas.

⁵⁰ No original: “He didn’t know where he was, and he was alone. No, there were men about, the bodies of men; he could barely see them strewn among the pits, their limbs sprawling away into the litter of leaves, and leaves were falling in the shafts of light, hundreds of leaves, rocking and spiraling down without sound. But there was sound: something low and incessant, almost distant, full of slow, steady motion and approach. It was above and behind him, across the spine of the hill, coming. It moved into the wide wake of silence, taking hold of the silence and swelling huge inside of it, coming. And across the crease of the land there was silence; a thin layer of smoke held still in the distance.”

⁵¹ PTSD é um distúrbio causado a partir de experiências traumáticas. Alguns sintomas incluem *flashbacks*, pesadelos e ataques de pânico. PTSD é um transtorno mental muito comum em veteranos de guerra devido à sua exposição aos horrores da guerra e momentos que apresentaram perigo a sua vida.

⁵² No original: “He was shaking violently, and the machine bore down upon him, came close, and passed him by. A wind arose and ran along the slope, scattering the leaves.”

⁵³ No original: “He did not know who his father was. His father was a Navajo, they said, or a Sia, or an Isleta, an outsider anyway, which made him and his mother and Vidal somehow foreign and strange.”

Além da ausência e incerteza paterna, outros eventos traumáticos marcam a infância de Abel, como a morte de sua mãe: “Sua mãe morreu em outubro, e por muito tempo depois ele não chegava perto de seu túmulo” (MOMADAY, 2021, p. 11-12)⁵⁴. A incomum decisão de não ver o túmulo da mãe simboliza uma negação, uma tentativa de Abel mantê-la viva em sua memória. O sentimento após a morte de sua mãe é agravado quando Abel perde seu irmão Vidal, com quem tem uma relação muito próxima: “Seu avô o deixou sozinho, e ele olhou para a face de seu irmão. Estava extremamente magra e pálida, mas toda a dor havia dissipado de seu rosto. Então, passivamente, e porque estava sozinho, ele pronunciou o nome de seu irmão” (MOMADAY, 2021, p. 13)⁵⁵. Marcado por profundas perdas afetivas, Abel sente-se só no mundo, transformando-o em um indivíduo triste e recluso. As mortes, tanto de sua mãe, quanto de seu irmão, foram momentos que tornaram Abel uma pessoa isolada e explicam o sofrimento que aquelas ocasiões causaram nele posteriormente.

Na juventude de Abel, outro momento marcante foi o seu interesse em integrar o grupo chamado *Eagle Watchers Society*. Esse clã, descendente de imigrantes, eram reconhecidos por serem profetas e videntes, habilidosos em *rainmaking*⁵⁶ e a caça às águias, características que os tornaram poderosos na comunidade. Em uma ocasião, Abel deve capturar uma águia, e mesmo que tenha sido o único do clã que consegue, ele é impossibilitado de participar na conclusão da cerimônia:

Ele ainda podia ver em sua mente e ouvir em sua memória o suspiro terrível de seu voo no vento. Encheu-o de anseio. Ele sentiu o peso do pássaro no saco que segurava. O pôr-do-sol desaparecia rapidamente noite adentro, e os outros não conseguiam ver que seus olhos estavam cheios de lágrimas.
[...] Ele abriu o saco; o pássaro tremeu, ele pensou, e levantou-se. Presa e indefesa, sua águia parecia sem cor e disforme na luz do luar, muito grande e desajeitada para voar. A visão daquilo encheu-o de vergonha e aversão. Ele segurou seu pescoço na escuridão e cortou sua respiração (MOMADAY, 2021, p. 21-22)⁵⁷.

Os sentimentos de aflição que perturbam Abel contribuem para o seu anseio de liberdade. A desconexão sentida durante aquele momento pode estar relacionada com as

⁵⁴ No original: “His mother died in October, and for a long time afterward he would not go near her grave.”

⁵⁵ No original: “His grandfather left him there alone, and he looked at his brother’s face. It was terribly thin and colorless, but all the pain was gone from it. Then, under his breath and because he was alone, he spoke his brother’s name.”

⁵⁶ Ritual realizado com o intuito de modificar o clima por meio de invocações de chuva. Esses rituais são constantemente executados por meio de danças da chuva.

⁵⁷ No original: “He could see it still in the mind’s eye and hear in his memory the awful whisper of its flight on the wind. It filled him with longing. He felt the great weight of the bird which he held in the sack. The dusk was fading quickly into night, and the others could not see that his eyes were filled with tears. [...] He drew the sack open; the bird shivered, he thought, and drew itself up. Bound and helpless, his eagle seemed drab and shapeless in the moonlight, too large and ungainly for flight. The sight of it filled him with shame and disgust. He took hold of its throat in the darkness and cut off its breath.”

sensações que a águia, e o seu simbolismo de liberdade, despertam em Abel. Dentro de um contexto mais abrangente, a águia também pode ser uma representação da Águia Americana (*American Bald Eagle*), símbolo dos Estados Unidos instituído pelos *Founding Fathers*⁵⁸ e que simboliza a força e a liberdade dos Estados Unidos, que nunca existiu para os povos indígenas. A decisão de matar a águia pode ser vista como a solução encontrada por Abel em acabar com o sofrimento da ave e tentar libertá-la de todos os sentimentos aflitivos, livramento que ele desejava para si próprio. A separação sentida por Abel pode ser uma das primeiras indicações do processo de distanciamento de sua cultura que foram amplificadas pelos problemas que perduraram na reserva, como as tradições civilizatórias, sobre as quais elucidaremos a seguir.

Father Olguin é um padre mexicano que mora na reserva e participa de um grande serviço civilizatório, iniciado por seus ancestrais cristãos⁵⁹. Sua presença na reserva representa a infiltração da ideia civilizatória dentro das comunidades indígenas após a colonização, que incentivava um contínuo domínio de suas crenças e cultura. Inspirado pelos missionários que o antecederam, Olguin acreditava que “ele tornar-se-ia um representante, um exemplo na cidade. Entre eles, ele proveria trabalho e paz aos habitantes da cidade” (MOMADAY, 2021, p. 52)⁶⁰. Father Olguin, mesmo sentindo-se um estrangeiro, acreditava estar cumprindo uma missão divina, a sua presença na reserva é a maneira encontrada pelo cristianismo de, disfarçadamente, continuar dominando os nativos. O narrador descreve uma característica física relevante de Father Olguin: “um de seus olhos era coberto por uma película azul transparente” (MOMADAY, 2021, p. 25)⁶¹. O fato dele ser parcialmente cego pode representar a sua incapacidade de perceber e assimilar as cerimônias, os rituais e as tradições indígenas por um ponto de vista que incluía as vivências múltiplas dos povos nativo-americanos; a cegueira parcial de Olguin pode ser uma representação dos traços mais comuns da sociedade hegemônica: a inabilidade de compreender a existência de outras culturas, além da sua própria. Assim, coloniza e domina outras crenças e saberes, com o objetivo de tirá-los da escuridão e levá-los à clareza que acreditam ser proporcionada pela cultura euro-americana. Father Olguin, assim como muitos outros, nunca entenderá as especificidades da vida nativo-americana e a sua

⁵⁸ Políticos responsáveis pela guerra de independência das Treze Colônias do Reino Unido e de seu domínio colonial. Esse grupo assinou a Declaração de Independência e participou na formulação da Constituição dos Estados Unidos da América. Entre eles está o primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington.

⁵⁹ Durante a colonização, os colonizadores espanhóis tinham a missão de expandir o cristianismo no continente americano. As suas missões eram realizadas através de missionários e jesuítas que objetivavam educar povos indígenas por meio dos ensinamentos cristãos. O empenho em catequizar os indígenas é uma das formas encontradas pelos espanhóis para “salvarem suas almas”.

⁶⁰ No original: “he would become a figure, an example in the town. In among them, he would provide the townspeople with an order of industry and repose.”

⁶¹ No original: “One of his eyes was clouded over with a blue, transparent film.”

presença enquanto forasteiro simboliza a continuidade do sentimento de dominação sentido por Abel.

Além da ameaça civilizatória que permeia a reserva, a relação de Abel com Angela St. John representa as dissociações dele com outros personagens brancos. Angela, descrita como “uma jovem pálida, morena” (MOMADAY, 2021, p. 26)⁶², é uma mulher casada que vai viver na casa de Benevides durante a sua gravidez. Abel começa a trabalhar para Angela e, durante o período que ela mora lá, percebe que ela enfrenta um conflito interno: “Ele parecia estar observando de longe algo acontecendo dentro dela, particular, comum, nada por si só” (MOMADAY, 2021, p. 33)⁶³. A percepção de Abel é de que Angela também enfrenta contradições internas, que são o resultado de uma desconexão que ambos sentem do mundo ao redor. Angela percebe que Abel encara situações conflitantes, já que “ele também era impotente” (MOMADAY, 2021, p. 33)⁶⁴, mas as desconexões entre os dois continuam aparentes; ninguém ao redor de Abel consegue compreender o que se passa com ele devido a sua reclusão. O silêncio de Abel implicava em sua inabilidade em nunca expressar o que sentia, a quietude dele intrigou Angela, que foi motivada a penetrar seu mundo. Os esforços de Angela, eventualmente, levaram os dois a tornarem-se amantes, mas até mesmo em seu encontro sexual, Abel aparenta indiferença, causando uma dormência emocional de seus sentimentos e emoções.

Isso pode ser percebido durante o *feast of Santiago*⁶⁵, ocasião em que Abel tenta participar de uma cerimônia do povo Pueblo. Nessa ocasião, “pela primeira vez desde que voltou para casa, ele tirou o seu uniforme” (MOMADAY, 2021, p. 41)⁶⁶. Durante a cerimônia, homens montados em cavalos devem tentar capturar um galo parcialmente enterrado na areia. Contudo, “quando chegou a vez de Abel, ele fez uma performance fraca, cheia de cuidado e gestos” (MOMADAY, 2021, p. 42)⁶⁷. Abel não conseguia entregar-se para o momento e estava impossibilitado de concentrar-se nas tradições da cerimônia. Na ocasião, o personagem Juan Reyes Fragua, chamado pelo narrador de albino ou homem branco, consegue derrubar Abel durante a condução da cerimônia: “De novo e de novo o homem branco o atingia, fortemente, brutalmente, no peitoral, ombros e cabeça, até que o pássaro caiu sobre eles e os separou”

⁶² No original: “a pale, dark-haired young woman.”

⁶³ No original: “He seemed to be watching from far away something that was happening within her, private, commonplace, nothing in itself.”

⁶⁴ No original: “he was powerless, too.”

⁶⁵ Feriado comemorado no dia 25 de julho, celebra a vida e morte de Santiago, apóstolo de Jesus e patrono da Espanha e Galiza. Na cultura nativo-americana, esse feriado é integrado com as festividades da comunidade Pueblo e são comemorados concomitantemente, apresentando traços do feriado cristão e das tradições nativo-americanas.

⁶⁶ No original: “For the first time since coming home he had done away with his uniform.”

⁶⁷ No original: “When it came Abel’s turn, he made a poor showing, full of caution and gesture.”

(MOMADAY, 2021, p. 43)⁶⁸. O albino pode representar uma ameaça imediata para Abel, o fato dele ser referido como “homem branco” expõe as crenças de que ele pode, na realidade, representar a ameaça europeia entre os indígenas. O albino continua o enfrentamento com Abel: “O homem branco inclinou e atacou, na frente e atrás, apenas com a malícia do ato em si, negligente, indeciso, quase composto em um sentido final e preeminente” (MOMADAY, 2021, p. 43-44)⁶⁹. A vitória do albino contra Abel pode representar os esforços coloniais de extermínio que deixaram os indígenas desamparados.

A incapacidade de Abel de adentrar no ritmo de sua comunidade representa um sentimento de distanciamento aguçado ainda mais com o seu retorno da guerra. Enquanto os outros nativos conseguem estar presentes de corpo e alma nas cerimônias, Abel está preso entre dois mundos, dificultando a sua imersão completa. Esse colapso interno leva Abel a matar o albino:

Tudo ao redor estava em silêncio, exceto o som da chuva e o gemido do vento nos fios. Abel esperou. O homem branco levantou seus braços, como que para abraçá-lo, e veio em sua direção. Mas Abel já havia pegado a faca, e puxou-a. Ele inclinou dentro dos braços do homem branco e direcionou a lâmina e atravessou abaixo dos ossos do peito (MOMADAY, 2021, p. 79, grifo nosso)⁷⁰.

A simbologia do vento na narrativa tem um significado crucial para entender como momentos da infância de Abel despertam suas lembranças traumáticas. O vento simboliza a onipresença dos sentimentos mais angustiantes de Abel, a persistência dos seus pensamentos mais sombrios. Exemplificando, quando era criança, Abel acredita ter sido amaldiçoado em um encontro com uma mulher Bahkyush:

Algo o assustou. Havia uma velha [...] Ela era uma mulher Bahkyush, eles disseram, e uma bruxa. Ela era velha quando ele a avistou pela primeira vez, e estava bêbada. [...] Ela gritou uma maldição ininteligível para ele, aparecendo de trás de um milharal quando ele era uma criança e estava pastoreando as ovelhas na proximidade. Ele fugiu, até que atingiu uma moita de algaroba na margem do arroio. [...] Então ele ouviu, a coisa. Naquele momento, ele já sabia que era apenas o vento, mas era um som muito insólito, algo que ele nunca tinha experienciado. [...] O gemido do vento cresceu, e o

⁶⁸ No original: “Again and again the white man struck him, heavily, brutally, upon the chest and shoulders and head, and Abel threw up his hands, but the great bird fell upon them and beat them down.”

⁶⁹ No original: “The white man leaned and struck, back and forth, with only the mute malice of the act itself, careless, undetermined, almost composed in some final, preeminent sense.”

⁷⁰ No original: “All around was silence, save for the sound of the rain and the moan of the wind in the wires. Abel waited. The white man raised his arms, as if to embrace him, and came forward. But Abel had already taken hold of the knife, and he drew it. He leaned inside the white man’s arms and drove the blade up under the bones of the breast and across.”

encheu de pavor. Por toda a sua vida aquele som seria para ele o som da angústia (MOMADAY, 2021, p. 12, grifo nosso)⁷¹.

A frase “gemido do vento” (*moan of the wind*), é utilizada para descrever o sentimento angustiante experienciado por Abel nas duas ocasiões, assim correlacionando o evento de sua infância com o ato de matar o albino. O barulho do vento é marcante tanto quando Abel acredita ter sido amaldiçoado pela mulher Bahkyush, quanto ao confrontar o albino. Provavelmente, o sentimento de aflição que perturbou Abel durante a morte do albino afetou a sua percepção da realidade. Posteriormente, é revelado que ele acredita ter matado uma cobra: “‘Sabe o que ele disse? [...] Uma cobra, ele disse. Ele matou a maldita de uma cobra [...]’” (MOMADAY, 2021, p. 146-147)⁷². A materialização do albino em uma cobra representa para Abel uma ameaça imediata da qual deve se livrar. As influências externas que levaram Abel a matar o albino representam os seus esforços em eliminar todos os sentimentos que lhe atormentavam. O albino passa, então, a refletir a figura do homem branco, símbolo maior de séculos de genocídios de povos indígenas, minados por uma relação assimétrica de violência e silenciamento. Por esse motivo, após o ocorrido, Abel não demonstra ter arrependimento:

Ele havia matado o homem branco. Não era complicado, afinal; era muito simples. Era a coisa mais natural do mundo. Obviamente eles poderiam ver isso, esses homens que queriam descartá-lo com palavras. Eles devem saber que ele mataria o homem branco novamente, dada a chance, não haveria nenhuma hesitação. Pois ele saberia o que o homem branco era, e ele o mataria se pudesse. Um homem mata tal inimigo se puder (MOMADAY, 2021, p. 100)⁷³.

Podemos compreender o assassinato do albino para além do ato em si, uma vez que desmantela toda uma estrutura de opressão e perigo que Abel tentava combater. Portanto, há uma relação entre a luta empreendida por Abel ao longo de toda a vida, seus traumas e dificuldades, e as batalhas das sociedades nativo-americanas desde o período colonial. Em ambos os casos — no caso particular de Abel e de modo geral dos indígenas — a luta contra a opressão nunca cessou. A culminância dos sentimentos de Abel ocorre logo após o seu retorno

⁷¹ No original: “Something frightened him. There was an old woman [...] She was a Bahkyush woman, they said, and a witch. She was old the first time he had seen her, and drunk. [...] She had screamed at him some unintelligible curse, appearing out of a cornfield when as a child he had herded the sheep nearby. And he had run away, hard, until he came to a clump of mesquite on the bank of an arroyo. [...] Then he heard it, the thing itself. He knew even then that it was only the wind, but it was a stranger sound than any he had ever known. [...] The moan of the wind grew loud, and it filled him with dread. For the rest of his life it would be for him the particular sound of anguish.”

⁷² No original: “‘And do you know what he said? [...] A snake, he said. He killed a goddam snake! [...]’”

⁷³ No original: “He had killed the white man. It was not a complicated thing, after all; it was very simple. It was the most natural thing in the world. Surely they could see that, these men who meant to dispose of him in words. They must know that he would kill the white man again, if he had the chance, that there could be no hesitation whatsoever. For he would know what the white man was, and he would kill him if he could. A man kills such an enemy if he can.”

da guerra — também ocasionada pelo homem branco — e simboliza a sua exaustão para com as injustiças, que ele tenta solucionar sozinho.

3.3 “Ninguém iria ajudá-lo”: Abel e a vida fora da reserva

Em um lapso temporal de sete anos, a narrativa é relocada para Los Angeles. A imagem que introduz a vida em Los Angeles é representada pelo fluxo de peixes na costa sul da Califórnia:

Na costa do sul da Califórnia, encontra-se um peixe pequeno menidia. Na primavera e no verão, desova na praia durante as primeiras três horas após cada uma das três marés que seguem a maior maré. Esses peixes vêm em centenas do mar. Eles se lançam na terra e se contraem na luz do luar, do luar, do luar; eles se contraem na luz do luar. Eles estão entre as criaturas mais indefesas da face da terra. Pescadores, amantes, transeuntes os pegam com suas próprias mãos (MOMADAY, 2021, p. 87)⁷⁴.

Os peixes referidos na passagem podem ser lidos como uma imagem simbólica dos indígenas que foram transferidos em massa para ambientes urbanos na década de 1950 por meio das políticas estadunidenses de relocação que objetivaram tornar inconstitucionais a existência de reservas. Foi exatamente nesse período que se observou a maior migração de indígenas das reservas para as cidades estadunidenses. Ao chegar, muitos se sentiam deslocados, devido à falta de acolhimento e preparo das pessoas em geral e dos membros da sociedade hegemônica para lidar com sua multiplicidade cultural, uma vez que desafiavam as ideias pré-estabelecidas. Para fazer parte da cultura dominante, portanto, era necessário aos indígenas assimilar, perdendo seus referenciais culturais, suas raízes e costumes.

Em Los Angeles, o leitor é introduzido para o personagem John Big Bluff Tosamah. Tosamah é um indígena Kiowa, que conhece a sua linhagem por meio das histórias que ouvia de sua avó: “Quando aquela senhora Kiowa me contava histórias, eu ouvia com apenas um ouvido. Eu era uma criança, e eu subestimei as palavras. Eu não entendia o que significava, mas de alguma forma eu me preendi a elas; eu lembrei delas, e ainda lembro” (MOMADAY, 2021, p. 92)⁷⁵. A relação do referido personagem com sua avó o aproxima de suas raízes e

⁷⁴ No original: “There is a small silversided fish that is found along the coast of southern California. In the spring and summer it spawns on the beach during the first three hours after each of the three high tides following the highest tide. These fishes come by the hundreds from the sea. They hurl themselves upon the land and writhe in the light of the moon, the moon, the moon; they writhe in the light of the moon. They are among the most helpless creatures on the face of the earth. Fishermen, lovers, passers-by catch them up in their bare hands.”

⁷⁵ No original: “When that old Kiowa woman told me stories, I listened with only one ear. I was a child, and I took the words for granted. I did not know what all of them meant, but somehow I held on to them; I remembered them, and I remember them now.”

ancestralidade. Mesmo que Tosamah não tenha crescido na reserva, ele desenvolveu uma forte relação com sua etnicidade. Dessa forma, ao se conectar com a sua cultura, Tosamah comprova as possibilidades de estreitamento das relações que os indígenas ainda podem ter com a sua linhagem mesmo não vivendo em reservas indígenas, uma vez que sua identidade cultural existe a partir do elo criado entre o sujeito e as suas raízes autóctones.

No entanto, em contraste com a primeira seção do romance, a vida em Los Angeles é descrita com um tom realista, e por vezes melancólico, representando a vivência de Abel longe da reserva. Isso pode ser percebido na descrição do porão onde Tosamah conduz seus sermões: “O porão era frio e sombrio, vagamente iluminado por duas lâmpadas de 40 watts que estavam acopladas nas paredes laterais acima do palco” (MOMADAY, 2021, p. 88)⁷⁶. Essas descrições do lugar acentuam as sensações de sufocamento e sentimentos claustrofóbicos dos sujeitos, podendo remeter a sensação de não-pertencimento dos nativo-americanos em Los Angeles. Na citação supramencionada, os participantes das reuniões lideradas por Tosamah têm que suportar o ambiente sombrio e fechado para continuar em contato com os demais. Destarte, sua inserção em lugares fechados e pequenos indicam as problemáticas que nativos enfrentam longe da reserva, e como suas experiências de vida são permeadas por constante medo e sentimento de aflição.

A igreja de Tosamah é uma associação composta de membros indígenas que vivem em espaços urbanos, e tem o intuito de ajudá-los a sobreviver longe da reserva. Tosamah cumpre o seu papel por meio de sermões, como pode ser observado no excerto a seguir:

Irmãos e irmãs, o velho João era um homem branco, e o homem branco tem algumas manias. Ah, meu Deus, quantas manias. Ele fala sobre a Palavra. Ele fala através e em torno dela. Ele constrói ela com sílabas, prefixos, sufixos, hífens e acentos. Ele adiciona e divide e multiplica a Palavra. E com isso subtrai a Verdade. Irmãos e irmãs, vocês vem aqui para viver no mundo do homem branco. O homem branco lida com palavras e lida facilmente, com graça e truques. Em sua presença, aqui neste solo, vocês são como crianças, criancinhas na floresta. Não se importem, pois vocês estão em vantagem. Uma criança pode ouvir e aprender. A Palavra é sagrada para uma criança (MOMADAY, 2021, p. 91-92, grifo nosso)⁷⁷.

⁷⁶ No original: “The basement was cold and dreary, dimly illuminated by two 40-watt bulbs which were screwed into the side walls above the dais.”

⁷⁷ No original: “Now, brothers and sisters, old John was a white man, and the white man has his ways. Oh gracious me, he has his ways. He talks about the Word. He talks through it and around it. He builds upon it with syllables, with prefixes and suffixes and hyphens and accents. He adds and divides and multiplies the Word. And in all of this he subtracts the Truth. And, brothers and sisters, you have come here to live in the white man’s world. Now the white man deals in words, and he deals easily, with grace and sleight of hand. And in his presence, here on his own ground, you are as children, mere babes in the woods. You must not mind, for in this you have a certain advantage. A child can listen and learn. The Word is sacred to a child.”

Os sermões salientam como a sociedade continua a menosprezar a cultura indígena. A mensagem que Tosamah transmite incentiva os nativo-americanos a desenvolverem uma consciência do lugar ao qual foram subjugados. Durante o romance, as falas de Tosamah são confundidas com seus sermões, o que pode relacionar-se com o período colonial e as missões civilizatórias que foram executadas e proferidas por meio de sermões cristãos. O estilo de escrita que espelha esses discursos religiosos pode significar uma subversão da limpeza cultural que os colonizadores objetivavam; em vez de cristianizar, os sermões servem de suporte para outros indígenas, incentivando-os a se reconectarem com suas raízes. Tosamah utiliza termos gramaticais e matemáticos com o objetivo de exemplificar como a perda da identidade indígena na sociedade hegemônica acontece por meio do abandono da cultura nativo-americana, que entra em colapso com os saberes da sociedade dominante. Indígenas têm os seus conhecimentos constantemente menosprezados por não se alinharem com a cultura branca. Para Tosamah, a cultura europeizante é culpada por esse apagamento:

No mundo do homem branco, a linguagem, também — e como o homem branco pensa sobre — passou por mudanças. O homem branco subestima coisas como as palavras e a literatura, e ele deve, pois nada em seu mundo é tão usual. [...] Ele dilui e multiplica a Palavra, e palavras começam a se fechar ao seu redor. Ele é saciado e insensível; seu respeito pela linguagem — pela Palavra em si — como um instrumento da criação está diminuído ao ponto de ser impossível mudar. Talvez ele pereça pela Palavra (MOMADAY, 2021, p. 93)⁷⁸.

A Palavra, aqui abordada por Tosamah, tem suas raízes na crença da linguagem como elemento fundamental na vida humana. No entanto, a Palavra também pode ser uma ferramenta que corrobora ideias deturpadas, como foi o caso do cristianismo e as suas ideias europeizantes durante o colonialismo. Após esse período, as táticas de inserção dos nativos na sociedade urbana, longe da reserva, diminuíram o seu apreço pelas raízes étnicas, uma vez que as suas manifestações culturais não existiam naquele contexto. Atualmente, os seus saberes, valores e costumes autóctones ainda não são valorizados, e por serem marginalizados, a herança cultural que os foi transmitida por intermédio de seus ancestrais continua perdendo o seu valor.

Tosamah acredita que esses traços ancestrais ainda existem em Abel, devido a posição que manteve durante o seu julgamento, em que honrou as suas convicções culturais. No entanto, o lugar ao qual Abel foi submetido durante o seu encarceramento representa a contínua

⁷⁸ No original: “In the white man’s world, language, too—and the way in which the white man thinks of it—has undergone a process of change. The white man takes such things as words and literatures for granted, as indeed he must, for nothing in his world is so commonplace. [...] He has diluted and multiplied the Word, and words have begun to close in upon him. He is sated and insensitive; his regard for language—for the Word itself—as an instrument of creation has diminished nearly to the point of no return. It may be that he will perish by the Word.”

subjugação que os autóctones enfrentam na sociedade, exemplificando as injustiças que tornam a sua situação na sociedade assimétrica. A guerra e a constante rejeição social que Abel enfrenta são marcas que o deixaram traumatizado e explicam o entre-lugar que ele foi inserido. “Eles nos rejeitam uma hora ou outra, nós, renegados, obstinados. Eles têm razão. Eles nos rejeitam antes mesmo de nascermos” (MOMADAY, 2021, p. 147)⁷⁹. Nativo-americanos são alvos da estrutura opressora da sociedade que desloca Abel, e outros indígenas, por manter resquícios culturais de sua comunidade. Tosamah, por sua vez, defende essa preservação e reconhece o potencial que Abel tem em se reconciliar com a sua ancestralidade. Porém, Abel estava rodeado de pessoas que acreditavam que ele precisava assimilar à uma vida eurocentrada dentro daquela sociedade para sobreviver, como seu amigo, o Navajo Ben Benally.

A conexão entre Ben e Abel pode ser explicada no instinto protetor que Ben tem por Abel: “Ele era infeliz. Você podia perceber isso rapidamente. Você podia perceber que ele não conseguiria viver por aqui” (MOMADAY, 2021, p. 145)⁸⁰. Ben preocupava-se com Abel e seu bem-estar. Porém, ele acreditava que Abel estava impossibilitado de viver em ambientes urbanos, pois Ben passou a ser subserviente à nova cultura em que estava inserido. Assim, na sua opinião, apenas se integrando completamente que Abel pode prosperar naquela sociedade: “Ele era um *longhair*, como Tosamah disse. Sabe, você tem que mudar. É a única maneira de viver em um lugar como esse. Você tem que esquecer como as coisas eram, como você cresceu e tudo. As vezes é difícil, mas você tem que fazer” (MOMADAY, 2021, p. 145, grifo nosso)⁸¹. *Longhair*, um termo utilizado para nativos que mantêm suas vestimentas e tradições indígenas em qualquer situação, representa o deslocamento da cultura de Abel em Los Angeles. Em contraponto, Ben queria tornar a sua experiência longe da reserva mais agradável, e se esforça em assimilar.

O empenho de Ben em assimilar advém das atrações que aquela sociedade apresenta: “Você se questiona como se encaixar nisso tudo. Você não sabe como, mas não tem nada além disso, então você o faz. E você quer, porque percebe o quão satisfatório é. É melhor do que qualquer coisa que você já teve; são dinheiro e roupas e fazer planos e ir para lugares

⁷⁹ No original: “They put all of us renegades, us diehards, away sooner or later. They’ve got the right idea. They put us away before we’re born.”

⁸⁰ No original: “He was unlucky. You could see that right away. You could see that he wasn’t going to get along around here.”

⁸¹ No original: “He was a longhair, like Tosamah said. You know, you have to change. That’s the only way you can live in a place like this. You have to forget about the way it was, how you grew up and all. Sometimes it’s hard, but you have to do it.”

rapidamente” (MOMADAY, 2021, p. 155, grifo nosso)⁸². Acumular bens, planejar e viajar exercem tamanho fascínio sobre Ben que ele se desidentifica com as características culturais que poderiam associá-lo ao lugar de onde veio. Mesmo que Ben considere retornar para a reserva, ele decide que a melhor decisão é ficar onde está:

É difícil, e você quer desistir. Você pensa em sair e voltar para casa. Você quer pensar que pertence em algum lugar. Você vai ao topo da colina e ouve o canto e as conversas e pensa em voltar para casa. Mas no próximo dia percebe que não adiantaria; você sabe que se voltar para casa não teria nada lá, apenas a terra vazia e pessoas idosas, indo a lugar nenhum e morrendo. Você tem que esquecer disso também (MOMADAY, 2021, p. 155-156)⁸³.

Desse modo, percebe-se o quão integrado Ben parece estar à cultura dominante branca. A sua vivência indígena tornou-se apenas uma lembrança distante e arcaica, que não pode ser comparada com os benefícios que a vida em Los Angeles proporciona. Para Ben, a vida na reserva não se compara com a de Los Angeles, então assimilar seria a melhor forma, algo que Abel ainda não consegue fazer por completo.

Enquanto o processo de assimilação parece funcionar para Ben, Abel não conseguia adentrar na vida em Los Angeles por ser visto como “nativo demais”. Segundo Ben, “ele não queria mudar [...] ou ele não sabia como” (MOMADAY, 2021, p. 145)⁸⁴. A sobrevivência de Abel naquele contexto implicava em esquecer quem era, para poder viver pacificamente naquela sociedade. Por outro lado, quando ainda morava na reserva, Abel não se sentia “nativo suficiente”; ao retornar da guerra “ele tentou orar, cantar, entrar no ritmo antigo da língua, mas ele não estava mais alinhado com aquilo” (MOMADAY, 2021, p. 57)⁸⁵. Por mais que Abel tenha tentado conectar-se com suas raízes no momento que sentiu que estava espiritualmente doente, ele estava impossibilitado. Percebe-se então que Abel não estava em completa conexão com sua cultura, porém recusava-se, ou não conseguia viver a cultura dominante.

Esse entre-lugar habitado por Abel intensifica o seu alcoolismo:

⁸² No original: “You wonder how you can get yourself into the swing of it, you know? And you don’t know how, but you’ve got to do it because there’s nothing else. And you want to do it, because you can see how good it is. It’s better than anything you’ve ever had; it’s money and clothes and having plans and going someplace fast.”

⁸³ No original: “It’s hard, and you want to give up. You think about getting out and going home. You want to think that you belong someplace, I guess. You go up there on the hill and you hear the singing and the talk and you think about going home. But the next day you know it’s no use; you know that if you went home there would be nothing there, just the empty land and a lot of old people, going no place and dying off. And you’ve got to forget about that, too.”

⁸⁴ No original: “he didn’t want to change, I guess, or he didn’t know how.”

⁸⁵ No original: “he had tried to pray, to sing, to enter into the old rhythm of the tongue, but he was no longer attuned to it.”

Quando ele acordou, tentou se mexer; ele estava entorpecido pelo frio, mas o esforço de mover-se trouxe novas dores, agudas, que se intensificaram. Foi tão forte que ele desmaiou, da próxima vez, ele lembraria que não deveria mover-se rapidamente. O efeito do álcool estava evaporando. Em outro momento ele começou a vomitar, todo o seu corpo contorcendo, tremendo involuntariamente, e novamente a dor fixou-se, e sua mente estava esvaindo. Ele queria morrer (MOMADAY, 2021, p. 96-97)⁸⁶.

O alcoolismo de Abel se agrava em Los Angeles porque o seu sentimento de não pertencimento e de infelicidade aprofundou-se. O vício do alcoolismo simboliza os fortes sentimentos de desânimo que a população indígena enfrentava na medida em que era obrigada a ser aceita no seio da sociedade hegemônica. Sob constante pressão, os indígenas sofrem mental e fisicamente dentro de um contexto cultural hostil que os afeta sobremaneira, a ponto de tornarem-se pessoas reclusas.

O isolamento de Abel era evidente no momento que ele saiu da prisão e passou a morar com Ben:

Levou um tempo até que ele falasse com alguém. Claro, depois de um tempo conversamos muito, nós dois, mas era sobre coisas que ocorreram por aqui [...]. Você não fala muito da reserva, se você vem de lá; não entendo o porquê. Talvez você pense que não vai influenciar positivamente em nada, então você simplesmente esquece (MOMADAY, 2021, p. 150)⁸⁷.

Essa reclusão advém das lembranças que Abel resguarda da reserva que geralmente despertam em nativo-americanos o sentimento de *longing*, ou seja, de ansiar e desejar pelo retorno. Decidir não lembrar dos momentos vividos na reserva é uma maneira de tentar lidar com os problemas que os acometem em ambientes urbanos. A relação romântica que Abel desenvolve com Milly, uma assistente social que tenta auxiliá-lo após sair da prisão, mostra que Abel continuava recluso, recusava ser vulnerável, e não permitia ser lembrado de sua vida na reserva: “Antes, ela sempre o perguntava sobre a reserva e o exército e a prisão e tudo mais, mas ele não gostava de falar muito sobre aquilo, depois de um tempo ela entendeu” (MOMADAY, 2021, p. 141)⁸⁸. Milly, uma personagem ingênua que acredita no sonho

⁸⁶ No original: “When he awoke, he tried to move; he was numb with cold, but the effort to move brought new pain, sharp, then massive pain. It was so great that he fainted, and the next time he knew better than to move suddenly. The effect of the alcohol was wearing off. In another moment he began to retch, his whole body contracting, quaking involuntarily, and again the pain mounted and his mind was slipping away. He wanted to die.”

⁸⁷ No original: “It was a long time before he would talk to anyone. Oh, after a while we talked a whole lot, him and me, but it was about things that happened around here [...] If you come from the reservation, you don’t talk about it much; I don’t know why. I guess you’re sure that it won’t do you much good, so you just forget about it.”

⁸⁸ No original: “She was always asking him about the reservation and the army and prison and all at first, but he didn’t like to talk about it much, and she caught on after a while.”

americano, assim como Angela, não consegue penetrar o mundo de Abel. Para ela, aquela sociedade pode proporcionar a ajuda necessária que Abel precisa.

Abel recusava falar sobre a reserva, possivelmente por associar as memórias daquele lugar com os traumas experienciados ali. Ele rejeita detalhar os seus problemas internos, como o colapso de identidades e o sentimento de não pertencimento que estava enfrentando, o que demonstra sua incapacidade de lidar com os seus sentimentos. A solução encontrada era reprimi-los e se entregar ao vício do álcool. No entanto, Ben funciona como um elemento catalisador de boas lembranças do período em que Abel viveu na reserva indígena. De modo mais amplo, a memória de Ben de um tempo bom vivido na reserva indígena representa a herança cultural presente nos indivíduos, que não se apaga mesmo que estejam distantes do seu território. Embora tentem se separar por completo, a presença da herança cultural de suas comunidades autóctones continua real em suas vidas:

Você pensa às vezes; não tem como evitar, mas você tenta não pensar muito. Há muito no que pensar, isso lhe confunde se você não seguir seus pensamentos. Talvez se todos nós viéssemos do mesmo lugar, seria diferente; poderíamos conversar sobre, entenderíamos (MOMADAY, 2021, p. 150)⁸⁹.

Ben ainda traz consigo a lembrança dos costumes e cerimônias do seu povo Navajo, como podemos perceber na ocasião em que ele relembra um canto Navajo que dá título ao romance: “‘*House Made of Dawn*.’ Eu costumava falar para ele sobre os costumes antigos, as histórias e as músicas, *Beautyway* e *Night Chant*” (MOMADAY, 2021, p. 143, grifo nosso)⁹⁰. O conhecimento de Ben sobre um canto Navajo que é performado em cerimônias de cura física e espiritual representa um *foreshadowing* da cerimônia que Abel irá participar quando voltar para casa e iniciar o processo de reconstrução de corpo e mente. Desde o título do romance, *House Made of Dawn*, a concepção de que a casa, ou o lugar que pode ser chamado de lar, existe em uma ideia constituída a partir da inclusão da natureza como parte essencial na expansão do *eu*. Essa crença reflete como a cultura indígena faz parte de uma conexão que é construída a partir da unidade corpo/natureza.

Além dos conflitos internos, a narrativa também adentra em conflitos externos experienciados pelo protagonista. Enquanto Abel mora em Los Angeles, ele tem um confronto

⁸⁹ No original: “You think about it sometimes; you can’t help it, but then you just try to put it out of your mind. There’s a whole lot more to think about, and it mixes you up sometimes if you don’t just go along with it. I guess if we all came from the same place it would be different; we could talk about it, you know, and we could understand.”

⁹⁰ No original: “‘House made of dawn.’ I used to tell him about those old ways, the stories and the sings, *Beautyway* and *Night Chant*.”

com o policial Martinez, chamado por Ben de *culebra*. “Ele é um policial, daqueles maus. Ele sempre está à procura de confusão, e se ele implicar com você — se você irritá-lo — melhor ter cuidado” (MOMADAY, 2021, p. 139)⁹¹. *Culebra* é uma palavra que em espanhol significa “cobra” e relaciona-se diretamente com o imaginário de Abel e a morte do albino, que também foi descrito como *snake*, ou seja, uma “cobra”. Exatamente no dia do referido encontro, Abel é agredido:

“Quem é o seu amigo, Benally?” E ele direcionou-se para a frente dele e segurou a lanterna em seu rosto. [...] De repente a lanterna saltou e ele derrubou o cacete com força e rapidamente. Eu não consegui ver, mas ouvi o estalo nos ossos da mão, e me deixou enjoado. Ele não chorou nem fez barulho, mas eu pude vê-lo contra a parede, agonizando em dor e segurando suas mãos (MOMADAY, 2021, p. 170-171)⁹².

A violência policial enfrentada por Abel e Ben demonstra que na sociedade, independentemente do quanto eles tentem estar inseridos por completo, nativos sempre serão vistos como forasteiros. Martinez representa a sociedade opressora que trata os nativo-americanos como inimigos, e continua a intimidá-los com o objetivo de tentar agredir e violentar a sua existência.

Eventualmente, Abel é enfurecido pela ocasião: “Ele ia procurar o *culebra*, disse ele; ele ia vingar-se do *culebra*” (MOMADAY, 2021, p. 178, grifo do autor)⁹³. A decisão de Abel em confrontar o policial pode representar uma posição motivada para enfrentar a dominação imposta pela sociedade. Mas em uma sociedade que é construída com o objetivo de oprimir os nativo-americanos, Abel não pode suceder, e é agredido severamente ao ponto de ser hospitalizado. Afetado pela situação, ao sair do hospital, Abel começa a sua jornada para casa, voltando para Walatowa para realizar o seu processo de cura mental. Ben sonha com o momento em que ele e Abel podem se reencontrar, mas só consegue reconhecer que “ele estava voltando para casa” (MOMADAY, 2021, p. 184)⁹⁴. Abel começa o seu processo de libertação e o reencontro consigo mesmo.

⁹¹ No original: “He’s a cop, and a bad one. He’s always looking for trouble, and if he’s got it in for you—if you make him mad—you better look out.”

⁹² No original: “‘Who’s your friend, Benally?’ And he stepped in front of him and held the light up to his face. [...] Then suddenly the light jumped and he brought the stick down hard and fast. I couldn’t see it, but I heard it crack on the bones of the hands, and it made me sick. He didn’t cry out or make a sound, but I could see him there against the wall, doubled up with pain and holding his hands.”

⁹³ No original: “He was going out to look for *culebra*, he said; he was going to get even with *culebra*.”

⁹⁴ No original: “he was going home”.

3.4 “Ele continuou e continuou, longe na estrada”: Abel e a corrida em busca de si próprio

Em uma das passagens presente na primeira parte do romance, o narrador faz um comentário sobre as problemáticas enfrentadas pelos nativo-americanos desde o período de colonização e como eles persistem na atualidade:

O povo da cidade tem poucas necessidades. Eles não anseiam pelo progresso e nunca alteraram seu estilo de vida. Por muito tempo seus invasores os conquistaram; e agora após quatro séculos de cristianismo, eles ainda oram em Tanoan para as antigas entidades da terra e do céu e ganham a vida a partir das coisas que estão e sempre estiveram em seu alcance; enquanto na discriminação do orgulho eles adquirem de seus conquistadores apenas o luxo do exemplo. Eles adotaram os nomes e gestos de seus inimigos, mas agarraram-se às suas almas secretas; e nisso existe uma resistência e uma superação, uma longa espera (MOMADAY, 2021, p. 57)⁹⁵.

Após o colonialismo, o controle sobre as vidas nativo-americanas não acabou, visto que continuaram resistindo ao domínio dos Estados Unidos. Os esforços de exterminá-los e de distanciá-los de suas particularidades culturais foram realizados por meio das tentativas em tentar incluí-los por completo na sociedade hegemônica. As comunidades indígenas que resistem mesmo sendo constantemente condicionadas a uma vida apartada de sua cultura, representam a persistência da cultura nativo-americana na sociedade branca e dominante. Muitas vezes, o silêncio é a única forma de resistência viável; povos indígenas persistem, ao passo que abraçam secretamente quem são.

Essas marcas de resistência já podem ser vistas na primeira passagem do romance, que remete ao canto Navajo que dá título ao livro, posteriormente mencionado por Ben:

*Dylapoh*⁹⁶. Havia uma casa feita do amanhecer. Era feita de pólen e chuva, e a terra era antiga e eterna. Havia muitas cores nas montanhas, e a planície era resplandecente com argila e areia de diferentes cores. Vermelha e azul e cavalos malhados pastavam pela planície, e havia um deserto sombrio nas montanhas além. A terra era calma e forte. Tudo era belo ao redor (MOMADAY, 2021, p. 1)⁹⁷.

⁹⁵ No original: “The people of the town have little need. They do not hanker after progress and have never changed their essential way of life. Their invaders were a long time in conquering them; and now, after four centuries of Christianity, they still pray in Tanoan to the old deities of the earth and sky and make their living from the things that are and have always been within their reach; while in the discrimination of pride they acquire from their conquerors only the luxury of example. They have assumed the names and gestures of their enemies, but have held on to their own, secret souls; and in this there is a resistance and an overcoming, a long outwaiting.”

⁹⁶ A palavra *Dylapoh* representa o início de uma história nas narrativas do povo Jemez.

⁹⁷ No original: “There was a house made of dawn. It was made of pollen and of rain, and the land was very old and everlasting. There were many colors on the hills, and the plain was bright with different-colored clays and sands. Red and blue and spotted horses grazed in the plain, and there was a dark wilderness on the mountains beyond. The land was still and strong. It was beautiful all around.”

A natureza faz parte de um complexo emaranhado que consiste em uma indissociabilidade da existência indígena. Dessa forma, a narrativa cíclica do romance apresenta a resolução da jornada de Abel já no prólogo: “Abel estava correndo. Ele estava sozinho e corria, rápido no início, fortemente, mas depois com graça e harmonia” (MOMADAY, 2021, p. 1)⁹⁸. A presença da natureza na narrativa demonstra que na jornada de Abel, para que ele entrasse em contato novamente com quem ele era, seria necessário uma imersão na representatividade da vastidão daquela terra na reconstrução de sua identidade. Essa associação entre a natureza e a jornada de Abel é o motivo do personagem estar correndo; existe um sentimento de completude que permeia a sua volta para casa, e que o leva de volta para as raízes originárias.

A visão que o leitor tem da infância de Abel na reserva, mostra que sua família sempre esteve conectada com as tradições da comunidade. A lembrança mais antiga que o leitor tem sobre a infância de Abel é de quando tem cinco anos:

“*Yahah!*” ele gritou quando tinha cinco anos, e subiu no cavalo atrás de Vidal e foram para onde estava o seu avô e os outros — alguns em vagões, mas a maioria ia andando ou cavalgando — atravessando o rio até o campo do cacique. [...] Quando eles voltaram, ele foi até seu avô e observou ele cavar com uma enxada. O trabalho estava quase completo, e os homens quebraram a parede da vala, e ele parou e observou a espumante água amarronzada rastejar entre os sulcos e adentrar a terra quebrantada (MOMADAY, 2021, p. 10, grifo do autor)⁹⁹.

Essas lembranças, narradas após a chegada de Abel da guerra, expõem a hipótese de que mesmo após uma experiência traumática, Abel manteve resguardadas as lembranças felizes de sua infância. As imagens vívidas com o seu irmão e as memórias de seu avô trabalhando com os outros homens da reserva esclarecem que aqueles momentos ainda estavam marcados na sua vida. Uma das passagens que exemplifica a forte conexão que Abel tem com a família pode ser observada na relação que ele tinha com sua mãe, e a influência que ela exercia em sua vida. A infância de Abel com sua mãe são marcadas por lembranças carinhosas:

Sua mãe tinha vindo no vagão com Francisco, e ela fez pão no forno, guisado de coelho e bolo de farinha de milho recheado com geleia, grosso e levemente doce, como figos. Eles comiam no chão em grupos, de acordo com a família e o clã, todos

⁹⁸ No original: “Abel was running. He was alone and running, hard at first, heavily, but then easily and well.”

⁹⁹ No original: “‘*Yahah!*’ he had yelled when he was five years old, and he climbed up on the horse behind Vidal and they went out with their grandfather and the others—some in wagons, but most on foot and horseback—across the river to the cacique’s field. [...] When they returned, he went to his grandfather and watched him dig with the hoe. The work was nearly finished, and the men broke open the wall of the ditch, and he stood there watching the foaming brown water creep among the furrows and go into the broken earth.”

menos o cacique e o governador e os outros oficiais da cidade, que sentavam em lugares de honra perto das árvores (MOMADAY, 2021, p. 11)¹⁰⁰.

A mãe de Abel representa para ele não apenas uma figura materna que é sinônimo de ternura, mas também uma imagem marcante para ele de sua infância, inserido na sua cultura, longe das preocupações e aflições trazidas pela sociedade hegemônica, que o iriam perturbar durante a vida adulta. As lembranças de sua mãe estão fortemente atreladas aos costumes que Abel tem na reserva, exemplificado pelos detalhes precisos sobre os costumes de seu povo. Essas memórias representam a maneira como Abel, antes de sua fragmentação psíquica, ainda na infância, tinha pleno entendimento de seus costumes, que perderam-se com o tempo por meio dos traumas, da guerra e da vida fora da reserva.

Já sóbrio e tendo retornado da guerra, Abel observa o seu avô trabalhando no campo e volta a sentir como se sentia quando criança: “A brisa era bem suave, e trazia o aroma da terra e dos grãos; e por um momento tudo estava bem com ele. Ele estava em casa” (MOMADAY, 2021, p. 29)¹⁰¹. Diferentemente das sensações despertadas em Abel na presença do vento, que ocasionaria nele um sentimento de angústia, a brisa da terra dá a ele um senso de familiaridade, mas que ele ainda não consegue associar por completo. As memórias felizes da infância de Abel fazem parte de seu subconsciente, mas ele ainda não entendia a devida importância dessas lembranças para a sua cura mental; Abel *estava* em casa, mas ele ainda não *sentia* estar em casa. O protagonista precisava reencontrar dentro de si quem ele era, e onde era a sua morada, a sua jornada em busca de sua identidade é uma odisseia que o leva a lugares dolorosos até que ele possa voltar para sua terra e para si mesmo.

Abel começa a tentar entender quem ele é por perceber quem é por dentro, dissociando-se das influências externas da vida em Los Angeles. Uma das ocasiões que influenciaram Abel, foi a visita de Angela quando ele estava no hospital: “Ela disse que pensava muito nele e se questionava como ele estava, e o que estava fazendo, e ela sempre pensava carinhosamente nele e que ele sempre seria seu amigo” (MOMADAY, 2021, p. 181)¹⁰². Angela aparenta guardar lembranças de Abel que mudaram a sua vida, o período em que esteve junto a Abel, significou um período de auto-descoberta para ela própria.

¹⁰⁰ No original: “His mother had come in the wagon with Francisco, and she had made oven bread and rabbit stew and coffee and round blue cornmeal cakes filled with jam, coarse and faintly sweet, like figs. They ate on the ground in groups, according to family and clan, all but the cacique and governor and the other officials of the town, who sat at the place of honor nearest the trees.”

¹⁰¹ No original: “The breeze was very faint, and it bore the scent of earth and grain; and for a moment everything was all right with him. He was at home.”

¹⁰² No original: “She said that she had thought about him a lot and wondered how he was and what he was doing, you know, and she always thought kindly of him and he would always be her friend.”

Peter sempre a perguntava sobre os indígenas, disse ela, e ela costumava contar uma história sobre um corajoso jovem indígena. Ele nasceu de um urso e uma moça, disse ela, e ele era nobre e sábio. Ele teve muitas aventuras, e tornou-se um grande líder e salvou seu povo. Era a história preferida de Peter, e ela sempre lembrava dele, de Abel, quando contava (MOMADAY, 2021, p. 181-182)¹⁰³.

A declaração de Angela para Abel, relatando a imagem que ela tem dele, leva Abel para um lugar de realização e entendimento de que ele deveria voltar para casa. A presença de Abel no hospital destaca a necessidade de seu processo de cura ser, além de físico, espiritual e mental.

Quando a narrativa é relocada para a reserva, uma direta correlação é feita com o momento que Abel retorna da guerra no início do romance: “O rio estava escuro e tranquilo, havia crostas de gelo irregulares ao longo das margens do rio, cobertas de neve” (MOMADAY, 2021, p. 187)¹⁰⁴. A imagem do rio é obscura em contraste com a narrada no início da narrativa, mostrando que um sentimento de aflição trespasa na reserva, possivelmente simbolizando a doença de Francisco. Quando Abel volta para a sua terra, seu avô está no leito de morte, e Abel está física e mentalmente doente, ele compreende que precisa se conectar com seu avô, para poder estreitar a sua relação com sua herança étnica. Abel

esteve lá no dia anterior, e no dia anterior a esse. Ele esteve lá uma parte de cada dia desde que voltou. Ele havia saído no primeiro e no segundo dia e ficou bêbado. Ele queria sair no terceiro, mas ele não tinha dinheiro e fazia muito frio e ele estava doente e com dor. Ele esteve lá seis dias no amanhecer, ouvindo a voz de seu avô. Ele ouvia agora, mas não tinha significado. As palavras voavam e não tinham sentido (MOMADAY, 2021, p. 189)¹⁰⁵.

Ao retornar, Abel estava na presença de seu avô, mas ainda estava desconectado de sua cultura. O desentendimento da linguagem pode representar o distanciamento de Abel de sua ancestralidade que foi acrescido no tempo que ele passou afastado da reserva. A conexão de Abel com a terra era quase nula, por isso traços de sobrevivência deveriam ser vistos na vida de seu avô para Abel começar o seu processo de reencontro com suas raízes autóctones.

¹⁰³ No original: “Peter always asked her about the Indians, she said, and she used to tell him a story about a young Indian brave. He was born of a bear and a maiden, she said, and he was noble and wise. He had many adventures, and he became a great leader and saved his people. It was the story Peter liked best of all, and she always thought of him, Abel, when she told it.”

¹⁰⁴ No original: “The river was dark and swift, and there were jagged panes of ice along the banks, encrusted with snow.”

¹⁰⁵ No original: “had been there the day before, and the day before that. He had been there a part of every day since his return. He had gone out on the first and second days and got drunk. He wanted to go out on the third, but he had no money and it was bitter cold and he was sick and in pain. He had been there six days at dawn, listening to his grandfather’s voice. He heard it now, but it had no meaning. The random words fell together and made no sense.”

Francisco tinha uma forte conexão com quem ele era, a sua identidade cultural foi mantida durante todo esse tempo por meio do respeito que ele passou a ter em sua comunidade: “*ele tinha uma voz no clã, e no próximo ano curou uma criança que esteve doente durante toda a vida*” (MOMADAY, 2021, p. 201, grifo do autor)¹⁰⁶. Francisco passou a ser respeitado dentro de sua comunidade quando compreendeu o seu papel naquele lugar. Essa era a jornada que Abel deveria adentrar quando seu avô morresse. Ele seria o último sobrevivente de sua família, e por isso sua ancestralidade precisava ser abraçada.

Após a morte de Francisco, Abel precisaria enterrá-lo de acordo com os costumes de seu povo. Abel entra em contato com Father Olguin para avisá-lo sobre a morte de seu avô, mas o padre questiona a necessidade de seu enterro ser realizado com a urgência que Abel estava propondo:

“O que houve?” disse ele.
 “Meu avô está morto,” disse Abel. “Você deve enterrá-lo.”
 “Morto? Ah... sim — sim, claro. Mas, por deus, você não poderia ter esperado até —”
 “Meu avô está morto,” Abel repetiu. Sua voz estava baixa e uniforme. Sem emoção, nada.
 “Sim, sim. Eu o ouvi,” disse o padre, esfregando seu olho saudável. “Meu Senhor, que horas são? Você sabe que horas são? Eu entendo como você está se sentindo mas —” Mas Abel havia ido embora. Father Olguin tremeu com frio e olhou na escuridão. “Eu consigo entender,” disse ele. “Eu entendo, tá me ouvindo?” E ele começou a gritar. “Eu entendo! *Meu Deus! Eu entendo — Eu entendo!*” (MOMADAY, 2021, p. 204, grifo do autor)¹⁰⁷.

A passagem supracitada reforça o conflito entre as opiniões de Abel e Father Olguin sobre a importância das tradições fúnebres para o povo Jemez. Os esforços em realizar o enterro de seu avô de acordo com o costume de sua comunidade é justaposto com a negligência do padre em entender a importância da cerimônia para Abel e seu avô. Mesmo que Father Olguin tente se posicionar, declarando entender o que Abel está sentindo, desconsidera que apenas quem está naquele contexto poderia, de fato, entender. O padre representa uma missão que objetiva marginalizar aquele tipo de cerimônia; ao considerá-las desnecessárias, ele remove toda a importância daqueles costumes na cultura nativo-americana, algo que Abel entende a necessidade e importância de serem feitas.

¹⁰⁶ No original: “*he had a voice in the clan, and the next year he healed a child who had been sick from birth.*”

¹⁰⁷ No original: “What in God’s name—?” he said. “My grandfather is dead,” Abel said. “You must bury him.” “Dead? Oh. . .yes—yes, of course. But, *good heavens*, couldn’t you have waited until—” “My grandfather is dead,” Abel repeated. His voice was low and even. There was no emotion, nothing. “Yes, yes. I heard you,” said the priest, rubbing his good eye. “Good Lord, what time is it, anyway? Do you know what time it is? I can understand how you must feel, but—” But Abel was gone. Father Olguin shivered with cold and peered out into the darkness. “I can understand,” he said. “I understand, do you hear?” And he began to shout. “I understand! *Oh God! I understand—I understand!*”

O conhecimento necessário que Abel tinha para a condução do enterro de seu avô fica claro quando ele o organiza sozinho:

Ele tomou a cabeça do velho e derramou água no cabelo. Ele modelou o longo cabelo branco em uma fileira e enrolou com um fio. Ele vestiu o corpo em cores cerimoniais claras: a camisa do velho de veludo cor vinho, calças brancas, e mocassins baixos, macios e brancos com caulim. Ele tirou as bolsas de pólen e de refeições, as penas sagradas e o *ledger book* das vigas. Ele colocou as espigas de milho coloridas ao lado de seu avô após espargir *meal* em quatro direções. Ele enrolou o corpo em um lençol (MOMADAY, 2021, p. 203-204, grifo nosso)¹⁰⁸.

A forma como Abel lida com a morte de seu avô mostra que ele havia sido treinado para o que estava fazendo. Então, pode-se entender que ainda havia nele resquícios de sua herança étnica, a forma metódica e precisa em como ele conduz o enterro de seu avô representa os esforços de Abel em voltar para casa e reconectar com sua cultura.

Após o enterro de seu avô, Abel está preparado para iniciar a cerimônia que o levará de volta para casa: “Seu corpo estava dormente e doía de frio, ele ajoelhou-se na boca do forno. Ele colocou suas mãos na crosta congelada e esfregou seus braços e peitoral com cinzas. E ele levantou e correu para a estrada ao sul da rota dos vagões na escuridão” (MOMADAY, 2021, p. 204)¹⁰⁹. A cerimônia realizada por Abel é a mesma cerimônia que Francisco observou junto com seus netos quando eles eram crianças:

Muito abaixo, a brisa perpassava sobre os milhos reluzentes, e eles ouviram os passos correndo. De início, era leve e distante, mas elevou-se e aproximou-se, continuamente, cem homens correndo, duzentos, trezentos, devagar, correndo naturalmente e eternamente, o som único de cem homens correndo. “Ouçam”, disse ele. “É a corrida dos mortos, e acontece aqui” (MOMADAY, 2021, p. 200, grifo do autor)¹¹⁰.

As memórias de Francisco detalham momentos do seu crescimento espiritual durante a sua vida enquanto nativo. Em outro excerto, Francisco corre com um homem, uma lembrança

¹⁰⁸ No original: “He drew the old man’s head erect and laid water to the hair. He fashioned the long white hair in a queue and wound it around with yarn. He dressed the body in bright ceremonial colors: the old man’s wine velveteen shirt, white trousers, and low moccasins, soft and white with kaolin. From the rafters he took down the pouches of pollen and of meal, the sacred feathers and the ledger book. These, together with ears of colored corn, he placed at his grandfather’s side after he had sprinkled meal in the four directions. He wrapped the body in a blanket.”

¹⁰⁹ No original: “His body was numb and ached with cold, and he knelt at the mouth of the oven. He reached inside and placed his hands in the frozen crust and rubbed his arms and chest with ashes. And he got up and went on hurriedly to the road and south on the wagon road in the darkness.”

¹¹⁰ No original: “Far below, the breeze ran upon the shining blades of corn, and they heard the footsteps running. It was faint at first and far away, but it rose and drew near, steadily, a hundred men running, two hundred, three, not fast, but running easily and forever, the one sound of a hundred men running. ‘Listen,’ he said. ‘It is the race of the dead, and it happens here.’”

que relembra a cerimônia em que Abel participará: “*ele estava correndo, e podia ver a sombra escura do homem correndo na névoa rodopiante, como uma sombra imóvel. E ele se segurou na sombra e correu para além de sua dor*” (MOMADAY, 2021, p. 202, grifo do autor)¹¹¹. Essas lembranças são uma forma de encerrar a narrativa de uma forma cíclica, conectando as experiências de Francisco durante a sua vida com as de Abel. A morte de Francisco simboliza o renascimento de Abel, a reconecção com sua identidade cultural ao passo que ele tenta reconhecer quem é.

Da mesma forma que a narrativa inicia com a cerimônia de Abel, a execução dessa cerimônia no final da narrativa é uma forma de iniciar o renascimento de Abel e de sua identidade:

Toda a sua existência concentrava-se na absoluta resolução de correr, ele não se importava mais com a dor. Pura exaustão controlava sua mente e ele enxergava sem precisar pensar. Ele podia ver o cânion e as montanhas e o céu. Ele podia ver a chuva e o rio e os campos na distância. Ele podia ver as colinas obscurecidas no amanhecer. Ele estava correndo, e quase que silenciosamente ele começou a cantar. Não havia som, e ele não tinha voz; ele tinha apenas as palavras de uma música. E ele corria na progressão da música. *House made of pollen, house made of dawn. Qtsedaba*¹¹² (MOMADAY, 2021, p. 206, grifo do autor)¹¹³.

A concentração de Abel em correr em direção à sua essência representa uma busca que é ampliada pela sua inserção espiritual completa no momento. A percepção que Abel tem da natureza é aguçada e ele consegue ver a beleza que está ao seu redor, entendendo a importância daquilo para a conexão com a sua cultura e ancestralidade. Mesmo que Abel esteja mental e fisicamente machucado, isso não o impede de continuar indo em busca do seu verdadeiro *eu*, a dor que Abel sente pode representar os percalços que ele deve superar para abraçar a sua etnia. Abel, durante a corrida, esquece todas as preocupações de sua mente e foca no seu objetivo de chegar aonde ele quer. A resolução do romance se dá durante a execução da cerimônia já narrada no prólogo. Essa ciclicidade na narrativa simboliza a jornada de Abel sendo concluída com o seu retorno para casa. Abel continua correndo, e a cada passo ele aproxima-se mais de si próprio.

¹¹¹ No original: “*he was running still, and still he could see the dark shape of the man running away in the swirling mist, like a motionless shadow. And he held on to the shadow and ran beyond his pain.*”

¹¹² A palavra *Qtsedaba* representa o fim de uma história nas narrativas do povo Jemez.

¹¹³ No original: “*All of his being was concentrated in the sheer motion of running on, and he was past caring about the pain. Pure exhaustion laid hold of his mind, and he could see at last without having to think. He could see the canyon and the mountains and the sky. He could see the rain and the river and the fields beyond. He could see the dark hills at dawn. He was running, and under his breath he began to sing. There was no sound, and he had no voice; he had only the words of a song. And he went running on the rise of the song. House made of pollen, house made of dawn. Qtsedaba.*”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Vou te falar algo sobre as histórias/[disse ele]/Elas não são apenas entretenimento./Não se engane./Elas são tudo o que temos/tudo o que temos para lutar/doenças e morte./Não se tem nada/sem as histórias.”*¹¹⁴

Ceremony (1971), Leslie Marmon Silko

Este Trabalho de Conclusão de Curso pesquisou a jornada pessoal do protagonista Abel, no romance *House Made of Dawn* (1968), do autor nativo-americano N. Scott Momaday. Ancorado nas contribuições teóricas dos estudos culturais/pós-coloniais, do pensamento decolonial e dos *Native American Studies*, esta pesquisa elucidou como a busca de Abel por suas raízes ancestrais surgiu depois de um período de dissociação de sua cultura, em grande parte, ocasionada pela sua inserção na sociedade branca. Momaday nos apresenta um protagonista entre dois mundos, em busca de sua identidade.

Desde Cristóvão Colombo, o primeiro contato europeu com os indígenas no continente americano foi motivado por interesses de expansão territorial e enriquecimento. Os efeitos da colonização dos Estados Unidos e a formação das Treze Colônias eram visíveis nos povos nativo-americanos. Em um processo de revisionismo histórico, foi observado nesta pesquisa como esse período foi permeado por genocídios e perseguição contra povos indígenas, eventos que são oportunamente apagados da historiografia oficial, beneficiando uma narrativa única de como ocorreu a invasão dos Estados Unidos. Essas políticas de extermínio foram responsáveis pela invisibilização e pelo apagamento da existência e da cultura dos povos indígenas naquele território. As leis que justificavam a tomada e ocupação de território indígena após a independência dos Estados Unidos do Império Britânico variaram entre a legitimidade das terras indígenas e as leis que obrigavam os nativo-americanos a submeterem-se a diásporas forçadas. Toda a história dos nativo-americanos é configurada por períodos de grande dificuldade, em que foram forçados a se desconectar de seus lares, de sua linguagem e cultura, ocasionando traumas que perduram até os dias atuais.

No mesmo capítulo, situamos o surgimento e desenvolvimento das literaturas nativo-americanas, com o intuito de compreender o contexto de escrita de seus autores mais representativos. Assim como em outras civilizações, a tradição oral representa o início das

¹¹⁴ No original: “I will tell you something about stories,/[he said]/They aren’t just entertainment./Don’t be fooled./They are all we have, you see,/all we have to fight off/illness and death./You don’t have anything/if you don’t have the stories.”

manifestações literárias dos nativo-americanos, mesmo antes da popularização da ficção, autores indígenas já utilizavam a escrita em língua inglesa como forma de protesto. Nesse contexto, as autobiografias foram um gênero difundido objetivando relatar as problemáticas da vivência indígena para a sociedade branca. O movimento que ficou conhecido como *Native American Renaissance*, impulsionado pela publicação de *House Made of Dawn*, significou um período de crescimento na produção literária e no compartilhamento de histórias sobre indígenas. Nesse período, autores autóctones ocuparam uma posição de protagonistas na produção literária nativo-americana, contrastando as representações de nativos que eram feitas pela sociedade branca, seja pela literatura ou por meio de relatos historiográficos. Procuramos elucidar o local de destaque que Momaday, bem como sua obra, ocupa nesse panteão da literatura estadunidense. As suas contribuições para uma compreensão e entendimento da cultura indígena serviram de impulso para outros autores escreverem e terem a oportunidade de publicar. Como vimos, sua obra prolífica tem como preocupação central a preservação da ancestralidade de povos autóctones por meio da conexão encontrada entre a cultura, os povos indígenas e a literatura.

No referencial teórico, os conceitos dos estudos pós-coloniais possibilitaram esclarecer a questão do Outro enquanto um sujeito pós-colonial. As problemáticas que povos indígenas enfrentam na sociedade estadunidense desde o período colonial, como o sentimento de exclusão da sociedade, são intensificadas pelo silenciamento de suas vozes por meio da natureza imperialista das políticas daquele país, que continuou dominando suas vidas. A ideia de que suas religiões, culturas e costumes são inferiores sustentam a hipótese de que povos outrora colonizados necessitam ser dominados.

As colonialidades existem como uma forma de continuar dominando povos e culturas após o período colonial. A colonialidade do ser, como discutido por Maldonado-Torres (2019), representa um domínio das vivências baseadas no espaço que ocupam, fazendo com que suas particularidades culturais sejam atacadas e marginalizadas. Essas opressões também podem ser vistas na academia, com as exclusões de pensadores não-ocidentais das produção epistêmica. Também trouxemos discussões sobre a descentralização do pensamento eurocêntrico para a epistemologia mundial, dialogando sobre a necessidade de protagonizar autores e pensadores de espaços não-hegemônicos. Grosfoguel (2007b) discute sobre o apagamento que pesquisadores e teóricos de espaços não-hegemônicos experienciam na academia atribuindo isso a ideia de que seus conhecimentos não podem ser utilizados por não serem considerados ciência. Mignolo e Walsh (2018) dialogam sobre a necessidade de descolonizar o pensamento acadêmico, com o intuito de incluir novas vozes, refletindo outros contextos e realidades.

A temática cerne da pesquisa, o conceito de identidade, foi dialogado a partir das discussões propostas por Bhabha (2010) e Hall (2013). Para entender os processos que povos indígenas enfrentaram ao passo que suas marcas identitárias e culturais se perdiam, discutimos como a identidade é reconstruída a partir dos novos contextos, ampliando a visão da identidade como uma característica múltipla de povos em contextos pós-coloniais e não uma verdade pré-estabelecida e única que é apenas um reflexo da imagem do colonizador. A identidade de povos outrora colonizados é solapada na sociedade hegemônica, beneficiando as realidades e vivências de povos euro-americanos como a marca identitária principal que deve ser emulada.

Outro conceito abordado foi o de *survivance*, desenvolvido por Vizenor (2008) com o intuito de promover uma discussão de como a imagem de povos indígenas estava ausente das representações e das narrativas literárias. Esse conceito elucida como as vivências e experiências dos indígenas são feridas dentro da sociedade por meio dos meios de comunicação, cinema, televisão e da literatura. Narrativas de *survivance*, no entanto, apresentam uma contraponto para essas histórias, protagonizando as vivências indígenas a partir dos escritos de autores nativo-americanos e as suas experiências.

Na análise literária percebemos como os processos de separação de Abel se deram a partir de traumas que o personagem experienciou desde a infância. Esses traumas, que foram amplificados com a sua participação na Segunda Guerra Mundial, representam um momento em que o alheamento de Abel da sua cultura autóctone se intensifica. Todas essas experiências traumáticas enfrentadas pelo protagonista provocaram sentimentos de dissociação que o levaram ao alcoolismo e a isolamento social, e o afastaram da sua identidade cultural. O seu sentimento de não-pertencimento impossibilitava o personagem de integrar-se por completo na reserva e participar com afinco das cerimônias e rituais, distanciando-o cada vez mais de suas raízes ancestrais.

Viver fora da reserva em Los Angeles traz para Abel momentos de profunda tristeza e intensa desconexão com a cultura de partida bem como a de chegada. O período que passa encarcerado também concorre para a sensação de não-pertencimento. O seu processo de descobrimento é uma jornada espinhosa que expõe os esforços da sociedade em assimilar Abel — e indígenas — a um estilo de vida hegemônico. A inabilidade de Abel em adotar um estilo de vida predominante branco, expõe os seus conflitos internos que o impedem de associar-se por completo a um novo modo de vida.

Abel consegue retornar para casa após compreender que ele tem um lugar na sua comunidade. Momentos simbólicos do romance refletem como o personagem encontra a força necessária e a motivação para voltar para casa e iniciar o ritual que o possibilitará um estado de

cura mental e espiritual. A morte de seu avô no final do romance, representa um momento de ressurgimento para Abel, quando reconhece a importância de sua cultura na sua vida e decide participar da cerimônia que o permitirá iniciar um processo de retorno para casa.

Durante a realização desta pesquisa, outros aspectos e temáticas relacionadas ao romance foram percebidos. Pesquisas futuras, a nível de mestrado, por exemplo, podem aprofundar as discussões de como a natureza é uma parte integrante para a jornada de Abel, como também estudos acerca do personagem John Big Bluff Tosamah, e sua posição na narrativa como um *trickster*. A base referencial deste estudo também pode contribuir para a análise da busca pela identidade autóctone em outros romances de autores nativo-americanos.

A separação e eventual disposição do protagonista em retornar para casa reflete a experiência a que nativos são submetidos para encontrar a sua voz em uma sociedade branca e se conectarem com sua ancestralidade. Abel finalmente abraça a sua identidade ao retornar para casa e se reencontra consigo mesmo na cerimônia realizada no fim do romance; ele continua correndo rumo ao lar e o sentimento de plenitude transborda nas páginas finais.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Chadwick. N. Scott Momaday: becoming the bear. In: PORTER, Joy; ROEMER, Kenneth M. (eds). **The Cambridge Companion to Native American Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-Colonial Studies: The Key Concepts**. London e New York: Routledge, 2013.

BAKER, Emerance. Loving Indianess: Native Women's Storytelling as Survivance. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture and Social Justice**, v. 29, p. 111-121, 2005. Disponível em: <https://journals.msvu.ca/index.php/atlas/article/view/1059/1016>. Acesso em: 13 de out. de 2022.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BRUCHAC, Joseph. Contemporary Native American Writing: An Overview. In: WIGET, Andrew (ed). **Handbook of Native American Literature**. London e New York: Routledge, 2012.

COOK-LYNN, Elizabeth. Who Stole Native American Studies? **Wicazo Sa Review**, v. 12, p. 9-28, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1409161>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

COULOMBE, Joseph. **Reading Native American Literature**. London e New York: Routledge, 2011.

CUDDON, J. A. **A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

DUNBAR-ORTIZ, Roxanne. **An Indigenous Peoples' History of the United States**. Boston: Beacon Press, 2014.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do "mito da modernidade"**. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (eds). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, p. 63-78, 2007a.

_____. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. Tradução: Flávia Gouveia. **Ciência e Cultura**, v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007b. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n2/a15v59n2.pdf>. Acesso em: 19 de jun. de 2022.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger; Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JANKE, Ronald A. Population, Reservation, and Federal Indian Policy. In: WIGET, Andrew (ed). **Handbook of Native American Literature**. London e New York: Routledge, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (eds). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte e São Paulo: Autêntica, p. 27-54, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução: Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 18 de maio de 2022.

MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. **On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis**. Durham e London: Duke University Press, 2018.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

MOMADAY, N. Scott. **House Made of Dawn**. New York: Harper Perennial, 2021.

_____. **The Names: A Memoir**. Tucson: University of Arizona Press, 1976.

_____. **The Way to Rainy Mountain**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1969.

PORTER, Joy. Historical and cultural contexts to Native American literature. In: PORTER, Joy; ROEMER, Kenneth M. (eds). **The Cambridge Companion to Native American Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

POWELL, Malea. Rhetorics of survivance: How American Indians use writing. **College Composition and Communication**, v. 53, p. 396-434, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1512132>. Acesso em: 03 de out. de 2022.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and modernity/rationality. Tradução: Sandra Therborn. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2, p. 168-178, 2007. Disponível em: https://pybarra.weebly.com/uploads/6/8/7/0/687099/___quijano_coloniality_and_modernity_rationality.pdf. Acesso em: 17 de nov. de 2022.

RUOFF, A. LaVonne Brown. Native American Writing: Beginnings to 1967. In: WIGET, Andrew (ed). **Handbook of Native American Literature**. London e New York: Routledge, 2012.

RUPPERT, James. Fiction: 1968 to the present. In: PORTER, Joy; ROEMER, Kenneth M. (eds). **The Cambridge Companion to Native American Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCARBERRY-GARCIA, Susan. N(avarre) Scott Momaday. In: WIGET, Andrew (ed). **Handbook of Native American Literature**. London e New York: Routledge, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZINN, Howard. **A People's History of the United States**. London e New York: Longman, 2003.